

# MILITIA

ANO VII — N.º 49

JUNHO - 1954



# SUMÁRIO

NOSSA CAPA .....	84
EDITORIAL .....	5
DIVERSOS	
A Força Pública e a Polícia Civil — cap. Jaime dos Santos .....	6
Recordando — Olímpio R. Coelho .....	16
Impressões de viagens — ten. Sérgio Vilela Monteiro .....	20
Oração à Bandeira — cabo Isaac Cavalcante de Moraes .....	24
Os termos militares da língua portuguesa — prof. Silveira Bueno .....	28
Atribuições de uma Polícia Feminina — dra. Esther de Figueiredo Ferraz .....	32
Poema do moleque brasileiro — cap. Djalma Passos .....	37
Seção Feminina — Rita de Cássia .....	38
Os 18... do Braço Forte — ten. cel. Tisiano de Leoni .....	54
NOTICIÁRIO	
Entrega de espadas .....	46
Temário do I Congresso Mundial de entidades de imprensa .....	53
Falecimento .....	57
Caixa Beneficente .....	58
Visita do gen. Benjamin Rodrigues .....	59
Posse do novo secretário da Segurança Pública .....	60
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Bahia .....	61
Distrito Federal (Polícia Militar) .....	62
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros) .....	66
Minas Gerais .....	67
Rio Grande do Sul .....	68
Santa Catarina e Sergipe .....	70
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Prova "Joaquim Gonçalves da Silva" .....	71
145.º Aniversário da PMDF .....	74
Temporada Oficial da F.P.H. ....	78
RECREAÇÃO	
Seção de Édipo .....	81

No

Jardim  
das  
Bolsas

se cultiva  
o bom gôsto.

- ★ V. encontrará o que quiser em artigos finos de couro e outras utilidades
- para senhoras
  - para cavalheiros.

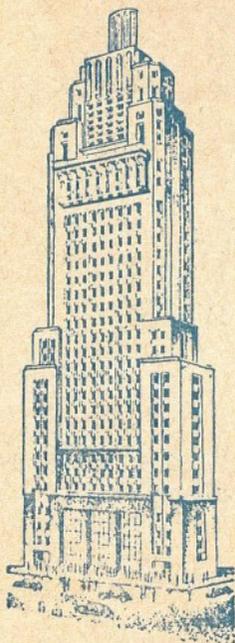
- ★ Goze do desconto de 10%.  
apresentando sua carteira de associado do Clube dos Oficiais e do Centro Social dos Sargentos da Fôrça Pública.



Dom José de Barros, 288 — Fone 33-5072 — S. PAULO  
(em frente ao cine "Ópera")

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

**SERVIÇO BANCÁRIO**

**RÁPIDO**

**EFICIENTE**

**SEGURO.**

O nosso

**DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,**

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

**RECEBER DEPÓSITOS**

ou

**PAGAR CHEQUES**

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

**M A T R I Z :**

**PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO**

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Indubitavelmente a estatística apontará, entre nós, como primeira fonte de mártires em holocausto à Lei, as Polícias Militares do Brasil.

Tal observação é natural, até certo ponto, eis que aos milicianos incumbe o espinhoso dever da manutenção da ordem e da segurança pública, em todos os rincões da Pátria.

Entretanto, tudo deve ser feito objetivando evitar o criminoso sacrifício de agentes da segurança social.

Por certo devem êles ser julgados com energia pelos excessos que porventura cometam; mas, deve a população — maior interessada em preservar as normas sociais — em seu próprio proveito, prestar-lhes tóda a assistência e homenagem, quando sucumbam, traiçoeiramente, no cumprimento do dever.

Infelizmente nem sempre isso acontece. Vez ou outra, por influências locais, o brando julgamento de transgressores-assasinos se traduz em incentivo à desordem.

Há pouco deparamos, na revista "Alvorada", com narração que nos dá conta da impunidade total de um bandoleiro, frio assassino de dois componentes da Polícia Militar do Ceará. Mais recentemente, nos chegam os ecos da incontida sensação de mal-estar que se apoderou da disciplinada oficialidade da Milícia do Maranhão, ante a decisão do Júri, absolvendo o bárbaro matador de um valoroso tenente.

Sem contestação, tais veredictos incrementam a desordem e o crime e desestimulam os responsáveis pelo sossêgo público. São, pois, duplamente prejudiciais às conveniências da coletividade.

Destarte, ressaltado que incumbe às corporações policiais o indeclinável dever de se expurgarem, sistemáticamente, dos maus elementos, urge esclarecer a opinião pública de que o severo julgamento dos desajustados, eliminadores de agentes da Lei, assim como a homenagem e o respeito aos bons policiais são condições imprescindíveis ao aprimoramento do sistema de manutenção da ordem e correspondem, portanto, ao mais alto interêsse da sociedade.

PRIMEIRO DE UMA SÉRIE DE TRÊS

# A FÔRÇA PÚBLICA E A POLÍCIA CIVIL

CAP. JAIME DOS SANTOS

Já tínhamos preparado, há vários meses, um esboço abordando o assunto referente ao policiamento no Estado de São Paulo, subordinado ao título supra, quando deparamos, no Diário Oficial de 27 de agosto do ano transato, com a transcrição de interessante e vivo debate, havido na Assembléa Legislativa, em torno do projeto de lei 838-53.

Esse projeto tem a virtude de procurar equacionar um problema que existe, que não é fictício, que se revela a todos os instantes na vida policial do Estado, especialmente na Fôrça Pública. E' a primeira tentativa de focalizar a questão, até agora mantida como um tabu, como se fôra cousa perigosa ou impossível de vir à luz do dia. E, sendo um assunto de real e profundo interesse, não só da Corporação, como da Administração Pública Estadual, cremos que a melhor forma de equacionar o problema, será o exame arejado, amplo e sensato, de todos os seus aspectos.

Assim, modificamos o estudo que já havíamos preparado, citando os

aportes surgidos na Assembléa Legislativa, e procurando analisá-los, de forma a contribuir, embora com modesta parcela, para esclarecer o assunto.

## Exercem a Fôrça Pública e a Polícia Civil, funções antagônicas?

Em apreciações ao projeto de lei 838, considera-se absurdo equiparar, hieràrquicamente, autoridades que exercem funções antagônicas. (D.O. de 27-8-53, n.º 191, pág. 41). Essas autoridades em antagonismo, e com as quais não poderia haver, segundo a argumentação expedida, escala discriminando correspondência de valores, seriam pura e simplesmente:

- a) — Componentes da Polícia Civil.
- b) — Componentes da Fôrça Pública.

A afirmativa não procede. Essas duas entidades não são antagônicas. Têm, na verdade, esferas de atribuições delimitadas, diferentes, específicas, mas seus objetivos não são antagônicos. Ao contrário, visam

ao mesmo objetivo. O projeto citado não pretende confundir as duas polícias, a civil e a militar, por assim dizer, em sistema de vasos comunicantes. Atualmente é que existe essa confusão, por falta de lei definidora de responsabilidades, acontecendo aquilo que justamente se verbera: confusão de atribuições. Isso patenteou-se claramente no motim da Ilha Anchieta, e em tôdas as ocorrências onde a execução do policiamento, a cargo da polícia militarizada, formada nos sadios princípios de hierarquia, tenha ficado sujeita à direção estranha a seus quadros: são afastados os chefes naturais — no caso oficiais e sargentos com a técnica da direção policial-militar e o conhecimento das possibilidades de seus homens, devido ao convívio diário — para ser entregue o «comando» da polícia fardada a autoridades civis ou a verdadeiros leigos, não preparados para exercê-lo. O que se passa, nessas condições, é verdadeiramente caótico, em face da confusão que logicamente haveria de surgir, e surge sempre.

#### **A quem atribuir a direção da execução do Policiamento?**

Um dos axiomas vitais de todo conjunto fardado é «seguir e imitar o chefe». O comando não se improvisa. A sua formação requer um sistema de sacrifícios, deveres e duro treinamento, que não são diplomas universitários, apenas, que podem suprir. Trata-se, no caso, não somente de capacidade intelectual, mas também de qualidades que transcendem dêsse limite, para o campo da capacidade de comando. Êste pressupõe aquela e mais outras qualidades físicas e morais que não se

improvisam. E' paradoxal: O Estado mantém uma entidade, em padrão elevado de disciplina e intenso preparo intelectual, físico e moral, especialmente no que respeita aos seus oficiais e sargentos, objetivando prepará-los para o comando de ações policiais militares; no entanto, são os quadros da Fôrça Pública afastados, sistemáticamente, da direção dessas mesmas ações! Os cursos de formação e aperfeiçoamento da Milícia, severamente dirigidos, têm como escôpo principal, o preparo para a direção, no comando. O Estado, por sua vez, e com razão, está a reclamar melhor policiamento, para maior segurança e manutenção da ordem, em seu território. E' evidente que há algum desajustamento, pois os oficiais e sargentos da Fôrça Pública não são chamados à responsabilidade, na proporção de que são capazes, nessa tarefa que a Constituição lhes atribui, de manutenção da ordem e da segurança pública. Não colhe o argumento de que há indisciplina, ou de que êsse comando é desejado, contra tudo e contra todos. Tal não acontece. Êsse comando deve ser exercido em consonância com a autoridade civil, quando investida de fôrça legal para tanto. Não significa isso, porém, que o oficial ou o sargento devam ser destituídos de seu comando natural e funcionalmente previsto em lei, para entregá-lo a uma autoridade não qualificada ou preparada, tènicamente para isso. Nos Estados Maiores há, pode e deve haver civis. Assim acontece nos Estados Unidos, França, Inglaterra e tantos outros países. E essas autoridades civis têm de ser obedecidas com todo o rigor militar. Dáí não se con-

clui, entretanto, que o civil exorbite de suas funções, criando confusões e mesmo abalando os fundamentos da hierarquia militar, pretendendo fazer-se comandante de tropa. Seria simplesmente ridículo e caótico. Nem seria racional.

### Sistema Francês

Não há dúvida de que a nossa organização processual seguiu o sistema francês, que organiza a polícia em:

a) — Polícia preventiva ou administrativa

b) — Polícia repressiva ou judiciária.

No entanto, como se lembrou a organização francesa, devemos esclarecer também que, no velho e sempre novo país europeu, não há, na organização policial, nada que se assemelhe à confusão reinante em nosso Estado: a *Gendarmerie* tem organização bem definida, com funções sãbiamente previstas. O gênio francês aproveitou as vantagens da estrutura militar e dos sadios princípios da disciplina, para organizar um policiamento fardado, em todo o território da nação, sem existir nem vislumbre de atritos entre a autoridade civil e militar, pois isto seria supinamente ridículo. No entanto, uma cousa é certa: lá não há confusão de autoridades, o que, com justa e legítima razão, aqui se teme acontecer. E', no entanto, um temor infundado, e verdadeiramente desnecessário, por um motivo muito simples: essa confusão já existe. Está aí, à nossa vista, nós desajustamentos de todos os dias, sempre demonstrando falta de articulação,

ocasionadora de menor produtividade e eficiência.

### Planejamento do Serviço Policial ao cargo de elementos fardados ou uniformizados

E' conceito pacífico, que, no entanto, pedimos permissão para reafirmar: As polícias preventiva e repressiva, fazendo parte de um todo devem agir intimamente ligadas, obedecendo a um mesmo planejamento. Não são antagônicas, como se insinúa. Atualmente não existe planejamento, nem há órgão algum encarregado de empregar racionalmente o policiamento fardado, no Estado. A *Fôrça Pública*, órgão executante no campo da Polícia Administrativa, não é chamada a cooperar no aperfeiçoamento daquilo que, em última análise, lhe incumbe executar, e por cujas conseqüências respondem os seus componentes.

Numa organização mais do que centenária como é a *Fôrça Pública*, com um passado de tradições pleno de relevantes serviços policiais ao Estado, não temos notícia, sequer, de que seus componentes hajam participado, decisivamente, de comissão encarregada de elaborar planos para a execução do policiamento, isto é, da polícia preventiva. Em ocasiões de crise, e tão somente, frênte a situações imprevistas — quebra-quebras, tumultos, etc. — à falta de planos e de outra decisão, tudo se entrega à *Milícia*, sôbre a qual recaem, então, tôdas as conseqüências, inclusive as decorrentes da inércia do organismo a quem, anteriormente, cabia o planejamento articulado.

Esse desconhecimento da necessidade de entrosamento das duas po-

Os que sabem beber



preferem

## Cognac 5 Estrêlas **DUBAR**

Rigorosamente produzido com destilado de *vinhos naturais* de uva, de qualidade superior, e submetido à longa maturação em tonéis de carvalho, donde adquire o aroma agradável que caracteriza um conhaque de classe.



**Grátis**

Remeta-nos o seu endereço e receberá um folheto com receitas dos melhores coquetéis Dubar.

AGÊNCIA DUBAR DA CIA. ANTARCTICA PAULISTA  
R. Frederico Steidel, 156 - 1.º - Tel. 52-6337 - S. Paulo

**Há uma delícia Dubar para cada paladar**

lícias é que levou o Estado à situação atual, no setor do policiamento. Isso resulta mesmo em ambiente propício aos atritos provocados pelo brio, quer do elemento fardado para com a autoridade civil, quer entre elementos fardados de corporações diferentes.

### Exercício da Polícia repressiva ou judiciária

Perguntaríamos: Como se exerce a polícia repressiva ou judiciária? Esta expressão nos responde: pela execução dos trabalhos destinados à formação dos processos que são encaminhados ao Poder Judiciário. A repressão se origina da formação do processo-crime. E a elaboração deste está afeta à Polícia Civil. Esses trabalhos competem à autoridade civil, o delegado, bacharel em ciências jurídicas e sociais. Os componentes da polícia preventiva apresentam os fatos, de forma circunstanciada, com todos os comprovantes, como vítima, testemunhas, material apreendido para o corpo do delito, etc. Esses elementos são apreciados pela polícia judiciária, através do processo-crime, o qual é encaminhado ao Poder competente, desde que os fatos caracterizem, plenamente, figura delituosa prevista no Código Penal ou na Lei de Contravenções Penais. Podemos afirmar que é importante a Polícia Judiciária orientar as atividades da Polícia Preventiva. O que não podemos admitir, por criar a tão temida confusão lembrada em debates, é a interferência da Polícia Judiciária nas atividades inerentes à Polícia Preventiva, intervindo em questões que não lhe são próprias, e que exigem, como funções de comando, um preparo especial, um treina-

mento rígido e prolongado. Cremos, também, que o componente da Fôrça Pública não deve, de forma alguma, intervir nas funções próprias da Polícia Judiciária, as quais se desenvolvem em cartório, na formação dos processos. De igual forma, não devem os componentes da Polícia Judiciária interferir nos trabalhos de execução da Polícia Preventiva, quando estes se desenvolvem em harmonia com os planos traçados por aquela.

A Polícia Judiciária deve caber a formação dos processos, a repressão ao crime, e mesmo a orientação dos trabalhos, como já dissemos, da Polícia Preventiva. Isso, no entanto, não deverá significar, nunca, invasão daquela no campo específico de ação desta.

Nos debates travados há um lapso inexplicável que passamos a focalizar, não prôpriamente pelo engano no que se refere ao número do artigo da Constituição Estadual que trata da missão da Fôrça Pública, que é o 148 e não o 147, mas porque a apreciação feita está apartada, não só do texto escrito, como do espírito que norteou o legislador. O artigo 148, obediente a igual dispositivo contido no artigo 183 da Constituição Federal, especifica: — «A Fôrça Pública, corporação militar essencialmente obediente ao Governo do Estado, é instituição permanente, destinada à manutenção da ordem e da segurança pública.» E' justamente isso, e unicamente isso que a Corporação deseja cumprir, cada vez com maior amplitude e maior perfeição. Esse artigo não especifica exclusão alguma, no âmbito das missões policiais a serem executadas no

campo da manutenção da ordem e da segurança pública.

Mesmo que especificasse alguma exclusão, esta deveria estar afinada com o Código do Processo Penal, quanto à divisão do Serviço Policial no Estado, em:

a) — Polícia Repressiva ou Judiciária

b) — Polícia Preventiva ou Administrativa, ou ainda

1. Policiamento preventivo.

2. Policiamento repressivo.

A polícia preventiva, executada pelo policiamento ostensivo, fardado, desempenha sua missão com base, antes de tudo, na prevenção do crime. No entanto, como é natural, há pontos de contacto e de ligação entre as duas formas de polícia.

Exemplificando: Se um cidadão apresenta uma queixa ao delegado, os elementos da Polícia Preventiva agem em proveito da Polícia Judiciária, quando o caso relatado lhe é encaminhado para apuração, esclarecimentos e apresentação dos meios que possibilitem a formação do processo-crime.

Da mesma forma, si um componente da Polícia Preventiva, em seu serviço normal, toma providências que resultem na prisão de criminoso ou de infrator, é evidente que lhe cabe o dever de reunir todos os elementos caracterizadores da ocorrência e de encaminhá-los à autoridade da Polícia Judiciária, a quem compete tomar conhecimento dos fatos e continuar as diligências. Não há interferência de funções, nem desrespeito à autoridade civil, ou vice-versa. São campos bem definidos

de ação, que se completam para um mesmo objetivo: manter a ordem e a segurança pública, tendo como base o policiamento preventivo, enviando para o Poder Judiciário aquilo que deva merecer repressão maior em forma de processo criminal, desde que tenha havido caracterização de infringência da Lei Penal.

#### Não há interferência em atribuições da Polícia Civil

Como vemos claramente, julgamos não haver pretensão alguma de elementos da Fôrça Pública passem a executar as missões inerentes à Polícia Judiciária. O que se almeja, para melhor prestação de serviços ao Estado, é uma conceituação, uma delimitação de funções, como acima se expôs. Mas é óbvio que por imperativo veemente, de ordem moral e funcional, deve ser atribuída à Corporação, a direção daquilo que seus componentes vão executar. A autoridade civil, qualificada para isso, diz quais são os objetivos a atingir, quais os meios de que se dispõem. Os oficiais ou os sargentos, com os seus comandados, executarão o plano traçado, obedecendo às disposições legais. Eles assumirão a responsabilidade de dirigir a execução do policiamento, em perfeito entendimento com a autoridade da Polícia Judiciária — o delegado de polícia. Ficarão todos exatamente enquadrados nos limites que lhes são próprios e interligados, nas funções correspondentes às Polícias Preventiva e Judiciária. Assim, há necessidade de leis e regulamentos que definam, precisamente, a oficiais e sargentos, seus deveres, suas responsabilidades como policiais-militares. E'

imprescindível, ainda, o aprimoramento da disciplina militar, e a continuação das leis e regulamentos militares, e do Tribunal Militar, com a finalidade de manter-se a estrutura rígida e severa da Corporação, aperfeiçoando-a.

Assim como para o delegado o momento significativo de suas funções é o da feitura do processo, no qual condensa todo o seu saber jurídico e profissional; assim como para o Juiz o instante máximo de sua responsabilidade, é a lavratura dum parecer ou duma sentença, a direção do policiamento constitui, para o oficial ou sargento, o único significado de sua existência funcional, de todo o preparo que o Estado lhes impôs, para isso consignando verbas vultosas no orçamento.

Retire-se do delegado a faculdade de relatar; do juiz a de lavrar sentenças; do médico a de operar ou receitar; do advogado, a de postular em juízo; do engenheiro, a de construir, calcular ou pesquisar.

Qual seria a situação profissional dessas classes?

Pois é essa a situação de graduados e oficiais da Força Pública, que são preparados filosófica, técnica e moralmente para o comando de ações policiais, e que nunca poderão exercê-lo, nem no campo específico que lhes é próprio, qual seja o da execução e correspondente direção do policiamento.

**Como se desenrolam as cousas atualmente**

Exemplifiquemos com o que acontece hoje, em nossos dias. Chega uma turma de policiais da Força

Pública, comandada por um oficial e enquadrada por sargentos, em um campo de futebol, por exemplo, para executar o serviço de policiamento. Devido à natureza da missão, chega sempre cedo, bem antes do início do prélio. Lá, via de regra, não estará, ainda, a autoridade que presidirá ao policiamento. As cousas caminham rapidamente. O oficial pode tomar a iniciativa, e distribuir os policiais, nos lugares mais aconselháveis, antes que o público lote as dependências do campo. Mas também poderá não tomar providência nenhuma, porque êle «não é autoridade da polícia», e não há nada, em leis ou regulamentos, que defina sua responsabilidade. Não toma conhecimento, sistematicamente, do subdelegado, substituto do delegado, por uma questão não só de dignidade, como até por senso de responsabilidade. Afinal êle, moralmente, é que deve zelar pelos homens sob sua direção. Isto é o que lhe ensinam os regulamentos severos...

Enquanto isso, o campo vai ficando repleto de assistentes. Os problemas são apresentados atabalhoadamente, com a confusão própria desses ambientes. Pergunta-se: a autoridade pertencente à Polícia Judiciária deu ao oficial ou sargento o seu plano de ação? Deu-lhe o esquema do policiamento a ser feito? Recomendou-lhe os cuidados especiais a serem tomados, explicando-lhe o plano a executar, definindo, assim, responsabilidades e provocando maior zelo na realização dos serviços?

Isso pode acontecer, mas, esporadicamente, e nessas ocasiões os resultados são excelentes. O que via



*Para que esta marca esteja em*

## **BOAS MÃOS**

*pagamos o que custa o serviço!*

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada vôo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em tôdas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

**Recife? Belém?**

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

**AEROVIAS BRASIL**

R. Libero Badaró, 370

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

**AEROVIAS BRASIL**

PANAM - Casa de Amigos

Chave dos bons caminhos

de regra sucede, no entanto, é a intervenção extemporânea da autoridade policial, «mandando» colocar homens em tais e tais lugares, intuitivamente, agindo em desacôrdo com o sistema de trabalho segundo o qual são treinados os policiais-militares, que têm como base principal a execução das missões, de acôrdo com um plano seguro, objetivo e racional. O maior valor da estrutura militar, que é justamente êsse, da sistematização, do emprêgo racional e planejado de homens, é desperdiçado por falta de entendimento, de direção, de leis ou regulamentos que propiciem um melhor aproveitamento da Fôrça Pública na Polícia preventiva ou administrativa, pela utilização de tôdas as suas possibilidades, a par de garantir uma perfeita, real e constante harmonia entre os componentes civis e militares da Polícia Paulista, que com os mesmos sacrifícios e esforços de hoje, podem produzir muito mais para a garantia da ordem e da segurança pública no Estado, independentemente de maior emprêgo de verbas.

Voltando ao exemplo focalizado, podemos afirmar, ainda: os comandantes de tropa encarregada de policiamento, a partir da intervenção da autoridade civil, comumente intuitiva — sob o ponto-de-vista de técnica de comando — passam a não ter função policial alguma. Serão meros assistentes. Não receberam o plano de policiamento e só a autoridade civil e Deus sabem o que é que vai exigir dos milicianos que não constituirão mais — a partir da «intervenção» — um contingente homogêneo e comandado, mas, sim, elementos dispersos, agindo por conta

própria, sem a interligação e a conjugação de esforços que são exigidas pela técnica de comando.

### Gloriosas figuras da Fôrça Pública

Reiteradamente são evocadas figuras gloriosas da velha guarda da Fôrça Pública. Todos merecem, realmente, o nosso maior respeito e profunda admiração. Isso, no entanto, não significa que devemos propugnar para que o Estado, em sua organização policial, volte aos modelos de antes de 1930. O que era muito bom, excelente mesmo, naquela época, poderá ser inútil anacronismo nos dias atuais. Mesmo a Igreja, na sua sábia e cautelosa prudência, acompanha a evolução social. A Polícia Civil, em sua estrutura, em suas minúcias mais insignificantes, sofreu modificações profundas, e maiores ainda deve sofrer, para colocar-se à altura de responder pelas complexas funções que lhe são atribuídas. Neste último quarto de século, foram tantas as modificações apresentadas nos setores das ciências, das artes, da evolução social, da indústria, da guerra, e tantos outros, que invocarse o passado, como retôrno, como paradigma de execução, constituirá verdadeira temeridade, senão desconhecimento dos problemas atuais. Os exemplos dos nossos antecessores, no que respeita à honestidade, senso do cumprimento do dever, espírito de sacrifício, e tantas outras virtudes cívicas legadas pelos muito vultos marcantes que a Fôrça Pública agasalhou em seu seio, merecem e devem sempre ser lembrados, como estímulo imorredouro às gerações novas. Isso, porém, sem prejuízo de deixar a estas que, seguindo aquê-

les exemplos, indiquem a melhor forma de, nas circunstâncias atuais, a Corporação prestar melhores serviços à causa pública. Se constitui um motivo de orgulho à Polícia Paulista, a estrutura de carreiras, incluindo-se nisso a exigência de o candidato ser bacharel em ciências jurídicas e sociais, para iniciar-se como delegado, não menor galardão ostenta a Fôrça Pública, na formação profissional específica de seus oficiais e sargentos, exigindo, àqueles, o certificado de conclusão do segundo ciclo colegial, mais três anos de curso severo e intenso, em regime de internato, para o candidato iniciar-se no oficialato, no posto de aspirante. Nesses três anos de curso, são ministradas em grau superior, as matérias imprescindíveis ao policial, como criminologia, criminalística, direito penal, direito constitucional, direito civil, processo penal, sendo várias dessas matérias ministradas em «curriculum» que se estende por três anos.

### renovação dos Cursos da Milícia Bandeirante

Desde longa data que o ingresso no curso de formação de oficiais da Fôrça Pública, por feliz e inspirada iniciativa, impõe ao candidato, como mínimo, possuir o Curso Secundário completo. A semente plantada germinou o aprimoramento da formação intelectual, baseada em severa disciplina, apresentando, hoje, insofismavelmente, os bons resultados, já provados em muitos setores em que a atual geração de oficiais da Milícia Paulista, fiel aos exemplos edificantes legados pela geração passada, foi chamada a prestar sua colaboração ao Estado. Esses oficiais, formados na obediência aos mais sadios e rígidos princípios da disciplina e de respeito à lei, e com sólida cultura intelectual e profissional, não iriam cometer o desprimor de contrapor-se à obediência a uma autoridade, unicamente por ela ser civil. Afirmar isso, é revelar completo desconhecimento da mentalidade que impera, nos dias de hoje, na Fôrça Pública.



AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

**CUSTA MENOS**

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!



# RECORDANDO

---

---

OLÍMPIO R. COELHO

Ilustração de  
ELMANO HENRIQUE

Há cêrca de 76 anos, quando mais acesa ia a luta com o Paraguai, avermelhados os campos do Sul com o sangue generoso dos bravos que investiam as linhas de Rojas, no Estero Belaco, buscando envolver a fortaleza de Humaitá, penetravam os nossos soldados em Mato Grosso para repelir do Território Pátrio os invasores de Solano Lopez.

Transposto o Rio Apa e levando de roldão o inimigo, até a Fazenda da Laguna, não puderam os nossos bravos soldados ali se sustentar em consequência da absoluta falta de alimentos.

Efetua-se, então, uma gloriosa retirada, através das maiores calamidades! Ataques da cavalaria paraguaia contra os nossos soldados desmontados e extenuados! Incêndios na macega ressequida, ateados pelo inimigo para colhê-los num círculo de incandescência! O cólera assaltando os miseros retirantes! O abandono dos coléricos e feridos numa clareira da mata para que se salvassem as bandeiras e os canhões! O guia Lopes rolando da montaria quando já se achavam os nossos à vista de sua querida estância do Jardim. Camisão, o inclito comandante, nos delírios da agonia, assaltado também pelo cólera, procurando dar suas últimas ordens! Juvêncio Cabral de Menezes! Alferes Miró! Corpos combalidos e tarjados por sofrimentos inenarráveis, escrevendo para a História as mais sublimes páginas de heroísmo, gravando no pedestal luminoso da Imortalidade o poema do brio e do valor de uma raça!

O Brasil teve, nessa ocasião, a grande felicidade de contar, entre as fileiras dos bravos da Laguna, a figura imortal de Alfredo d'Escragolle Taunay.

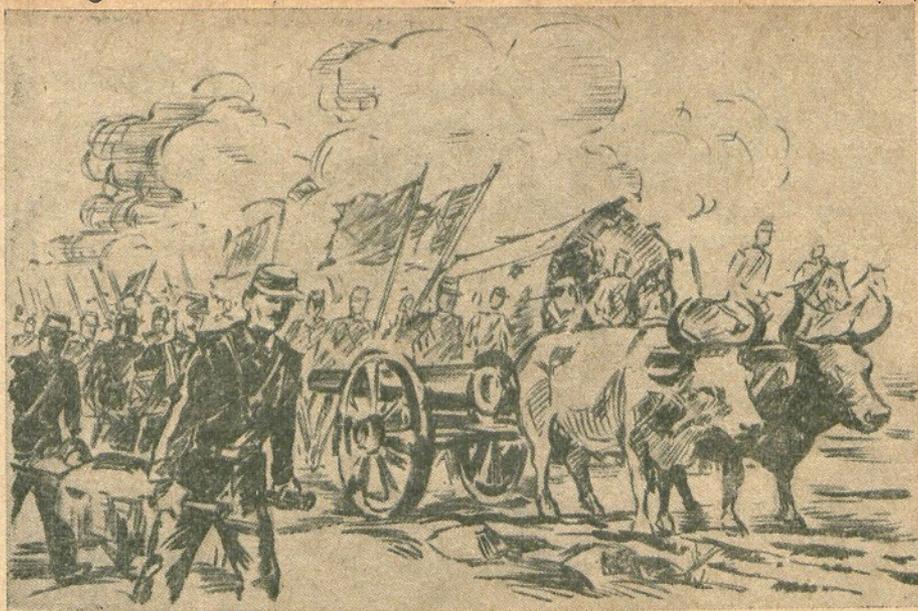
E foi a sua pena — que nos intervalos dos combates trocava pela espada — que imortalizou em beleza êsse pugilo de brasileiros, tombados para que o Brasil permanecesse de pé!

Passaram-se os anos! Lá ao longe, nos descampados de Nioac, assinaladas as sepulturas dos nossos bravos com singelas cruces que o Governo Imperial ali mandara fixar, aguardavam os sacrossantos restos de Camisão e seus companheiros de glória, que o patriotismo dos brasileiros os trasladassem para sepultura condigna.

A iniciativa tomada por distintos oficiais do Exército Nacional, entre os quais citamos o Major Amilcar Salgado dos Santos, resultou na campanha pela ereção de um grandioso monumento para nele encerrar as cinzas sagradas, e gravar ali, em palavras de bronze, a epopéia dos "soldados da constância e do valor"!

Terminada a Guerra do Paraguai, muitos sobreviventes da heróica retirada ficaram esparsos pela vastidão do território nacional, esquecidos e ignorados pela mãe Pátria que lhes devia prodigalizar mais carinho e respeito.

Entre os últimos heróis da gloriosa epopéia, ainda sobreviventes em 1925, contava-se o General João Antônio da Costa Campos, falecido em Alfenas, Minas Gerais, a 7 de Janeiro de 1936.



Naquele ano escreviamos ao bravo brasileiro, uma carta, pedindo-lhe, com umas palavras, um autógrafo.

Não vacilou um instante, em nos responder, o augusto velhinho. Passamos a transcrever a carta que êle nos enviou:

"Sr. Olimpio R. Coelho

Saúde.

Não tanta há de ser a honra que lhe hei de proporcionar com estas letras, já embaciadas, velhas, esquecidas e pobres; mas, mesmo assim, eu lhe envio o meu autógrafo — tanto valor lhe imprime o seu patriotismo por êsses velhinhos...

Veio trazer-me saudades dos longínquos tempos da minha mocidade, que a passei na Campanha contra o Paraguai; trouxe-me, outrossim, gratidão e reconhecimento a sua carta; e, no meu isolamento, eu me sinto, ainda, por êsses surtos de grandeza do coração dos

meus compatriotas, feliz e resignado no meu cantinho, com os meus...

Agradeço-lhe a reverência.

Do velho brasileiro

(a) *João Antônio da Costa Campos*"

A 12 de Novembro de 1941, chegavam à Estação da Sorocabana, na Capital, os despojos dos brasileiros da Expedição de Mato Grosso. Ali estávamos presentes, nosso modesto tributo de gratidão aos Heróis da Pátria.

Uma grande saudade invadia os nossos corações!

Nossos olhares não se afastavam, ansiosos, da curva dos trilhos, além do pátio da Estação. A cada momento, assaltados por um ruído estranho qualquer, antevíamos o vulto da composição ferroviária que nos ia devolver dos longínquos sertões de Mato Grosso, os despojos dos heróis. Ali, solenemente ungidos, numa evocação sublime do passado, sentíamos o coração pulsar desor-

denadamente, como si elle próprio quisesse falar, para agradecer àqueles que, suportando tôdas as vicissitudes, "exinanidos de fôrças, mas nunca de ânimo, salvaram os canhões e as bandeiras que o Brasil lhes confiara".

E a composição chegou de mansinho, silenciosamente, na sua eloqüente simplicidade — uma locomotiva e um só vagão.

E as urnas funerárias, em cujas alças pegavam o sr. Interventor Federal, o Comandante da Região Militar e demais autoridades, passaram pelas nossas ruas, através de alas de tropas e alunos das nossas escolas, ao estrugir de salvas de artilharia. Pétalas de rosas atiradas pelo povo sobre as urnas, atapetavam as ruas. Apanhamos uma delas. Não podíamos deixar de fazê-lo. Fomos impulsionados pelo desejo de conservar uma recordação daquele sublime momento que estávamos vivendo!

Essa pétala de rosa nós a juntamos à carta do General Costa Campos, cujos

restos mortais acompanhavam aquella trajetória sublime!

Hoje, ao inaugurarmos o retrato do nosso imortal Visconde de Taunay, no velho solar dos Sardinhas, à sombra do lendário Pico do Jaraguá que elle contemplou e descreveu com emoção, do acampamento das Taipas, quando da marcha para Mato Grosso em 1865, aproveitamos a oportunidade que se nos apresenta para passar às mãos do Senhor MARIO PINTO DE CAMPOS, aqui presente, a carta do seu venerando pai, para que o mesmo a anexe aos demais documentos que a familia está reunindo a pedido do Museu Nacional.

O "Núcleo Amigos do Jaraguá", tendo em seu poder tão expressivo documento, quer, apenas, como prova de respeito e de admiração, cooperar para que nada da vida desses heróis fique esquecido.

E' preciso que se eternizem na História do Brasil, os nomes que a fizeram grande e respeitada!"

(Palavras pronunciadas na solenidade comemorativa do centenário do nascimento do Visconde de Taunay, realizada na Fazenda Jaraguá, em 21-II-1943).



---

## "O TAGARELA"

---

Recebemos do prof. José Maria de Almeida, Diretor do Grupo Escolar de Flora Rica, Estado de São Paulo, vários números de «O Tagarela», órgão dos alunos do mesmo estabelecimento.

A publicação, preciosa fonte de ensinamentos aos pequenos escola-

res, revela a dedicação e competência do prof. José Maria, que instituiu, na casa de ensino sob sua direção, o útil, moderno e interessante processo pedagógico.

«Militia» agradece e cumprimenta os professores e alunos do G.E. de Flora Rica.



*A marca de confiança*

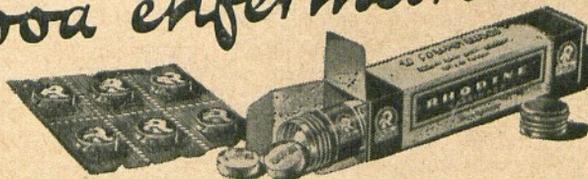


**DOR - GRIPE - RESFRIADOS**

**RHODINE**

**CAFEINADA**

*A boa enfermeira*



# IMPRESSÕES DE VIAGENS

Ten. Sérgio Vilela Monteiro

## PARIS

Os melhores artistas do mundo procuram Paris. Certa vez, no Moulin Rouge, vimos um indivíduo representando um sapo em um conto de Green. Nunca pensamos ser possível um vertebrado quebrar-se tanto. De outra feita uns prêtos dançavam uma dança selvagem e comiam fogo; e com que vontade!

Malabaristas e patinadores realizam proezas arrepiantes.

Os americanos invadiram Paris. Muitos espetáculos são falados metade em inglês. E' a força do dólar.

Apesar da severidade da polícia, muitas mulheres estrangeiras vivem em Paris. Entretanto, o conceito cristão de família ainda está bem arraigado no povo francês, que tanto se orgulha de suas medievais catedrais.

Paris tem "charme", nos dizem eles. E é verdade. Custa-se a ambientar e depois não se quer mais sair.

O velho Montmartre reúne pintores e escultores célebres. E' um dos bairros mais velhos e se situa na colina da célebre igreja de Sacre Coeur. Suas ruas, estreitíssimas, com seu aspecto medieval, em tudo nos prende; não só pela beleza de sua arte como pelo seu aspecto histórico e a lhanura de seus habitantes.

Sacre Coeur e Notre Dame dispõem um comentário e seria mesmo difícil descrever tamanha imponência. Os olhos vêem, o coração sente e o subconsciente tudo guarda como um relicário precioso.

E os edificios célebres, os museus, as estátuas. Quanta cousa nos prende a Paris. Falar sobre o Louvre é outra cousa difícil. Seu departamento sobre o Egito é algo de monumental. Leva-se uma semana a' visitá-lo e ainda se fica devendo. A galeria de quadros célebres só perde para o Palácio Pit, em Florença. Mesmo assim, vemos em seus originais vários quadros dos três grandes do 500 italiano (Da Vinci, M. Angelo e Raphael). Dessa galeria temos viva na mente a célebre Monna Lisa com seu inexprimível sorriso e mãos esculturais.

Invalides, de perfeição clássica, encerra o túmulo de Napoleão.

Versailles, de Maria Antonieta, castelos como S. Germain, jardins como Bois de Bolongne, Luxembourg, Madeleine, Pantheon, Saint-Chapele, S. Germain-des Près, St. Sulpice, como tantos outros, nos encantam pelo estilo puro ou pelas preciosidades lá contidas.

Infelizmente não podemos transformar essas impressões em um livro, e assim vamos passando por alto.

E os magazines?!

São imensos. Louvre, Laffayette, Bon Marché, Printemps, etc. Compra-se de tudo. E que gentis balconistas! Psicoticamente selecionadas!

Há cousas que o povo não dispensa. Embora não tenha o hábito frequente de tomar banhos, a limpeza pública é cousa séria. Todas as manhãs a água corre abundante de pequenos hidrantes colocados nas guias das calçadas, e os empregados lavam muito bem as ruas. A cidade é limpíssima. Os esgotos de Paris são perfeitos. Há dias até para a visitaçào, cousa aliás interessante.

Filtros especiais não permitem que o Sena fique imundo e o parisiense pode nadar no rio durante o verão. Cousa pitoresca é dar a volta a Paris no "Bateau-mouche". O rio é caudaloso e bem navegável. Suas margens muito bem tratadas.

Há uma pequena revista com todos os programas de teatros, cabarés, tabernas de cantores, esportes, etc. Os esportes, sobretudo corridas e lutas, são muito procurados.

Um programa que muito agrada o francês é jantar um pato com "pedigree" no "Tour D'Argent", ir ao Ópera, depois ao Lido e, para completar a noite, uma sopa de cebolas no "Les Halles", o grande mercado. Com economia essa brincadeira fica em uns 40.000 frs. (Cr\$ 4.000,00). Em compensação cerca de 2/3 da população vive bem com essa quantia por mês. Sabendo viver, há de tudo em Paris a qualquer preço. Não há, propriamente, miséria extrema. Não vimos mendigo, mas em opposiçào, mais de uma vez ao jogar um tóco de cigarro, houve quem o apanhasse e saísse fumando.

O frio foi tão intenso que os lagos de "Bois de Bologne" ficaram gelados. Anos há em que se pode até patinar no gelo.

Comemos pratos regionais tão bem feitos em Paris como em seus lugares de origem. A Pizza Napolitana, apreciamos-la mais em um restaurante do Quartier Latin do que em Nápoles. A feijoada (não sabemos si foi a saudade) apreciamos mais na Maison de l'Amérique Latine que aqui. Aliás, é o único lugar de Paris onde se come prato brasileiro. Lá se reúne o pessoal endinheirado do Brasil, pois a refeição é cara (Cr\$ 250,00). Infelizmente, esses patricios que lá se reúnem são bem pedantes. Alguns elementos de consulado e de embaixada são quase insuportáveis. Pensam que todos os brasileiros que os procuram vão pedir favores e se esquecem do que diz o passaporte, a respeito do auxilio que devem prestar ao portador. Tratam mal os estudantes. Assim vimos quando liberaram o câmbio e os pobres patricios ficaram quase a míngua. Diga-se de passagem que todos os países, até os mais minúsculos, têm sua casa na cidade universitária. O Brasil, que é um dos primeiros em arquitetura, não a possui. Nossos estudantes vivem a mendigar uma vaga no pavilhão dos E.U.A., Vergonhoso!

Lamento, mas faço questão de difundir tais fatos, assumindo inteira responsabilidade pelo que estou afirmando. Quem sabe alguém se acorda e corrige essa falha.

Felizmente fomos para lá com 200.000 frs. por mês e tivemos apartamento mobiliado e com banho (cousa rara). Na embaixada um cidadão (bem graduado) "estranhou" que um tenente de polícia (meganha) fôsse a Paris estudar psicotécnica. Natural-

mente ignora o que é psicotécnica e a utilidade de uma boa polícia nas civilizações modernas. Essa é uma classe de brasileiros que encontramos em Paris. Mas há outras duas. A classe dos funcionários menores, de companhias e negociantes. São os "tubarões" das negociatas. Preferimos não falar. A última classe é a dos estudantes; a mais infeliz e desamparada. Subdivide-se em duas: uma, na maioria adolescentes imaturos, assimilam o que há de pior em Paris: existencialismo (barbas longas e imundas), comunismo (alguns foram expulsos pelos franceses) e homossexualismo. É uma lástima! Por fim, os últimos, os heróis; ganhando miséria estudam a valer, trabalham, trazem filmes, são locutores, jornalistas, e até em teatros defendem seus estudos. Esses procuram o que há de bom em uma grande civilização.

São bravos lutadores em busca da verdadeira ciência, da arte, de um ideal nobre.

Cousa interessante é o mercado das pulgas, que se abre nos fins de semana. Há de tudo, até história do Brasil e tatu embalsamado. Compra-se e vende-se. O segredo do bom negócio é saber discutir o preço. Compramos uma espada do tempo de Napoleão (será?) por Cr\$ 70,00. O francês ama velharias, especialmente porcelanas. Quando entramos no apartamento da dona do prédio, tivemos a impressão de estar entrando numa loja de antiguidades, tal o amontoado de cousas que cheiravam a mofo. E fez parte do contrato de aluguel, que em nada alterássemos a pré-histórica mobília.

Próximo ao Trocadero há o edifício das Nações, moderníssimo. Comentamos com um francês a beleza de sua arquitetura moderna, ao que ele

redarguiu ser aquilo um monstro que enfeiava Paris; e não viam a hora dos americanos saírem para o derrubarem. A maioria dos prédios tem 6 andares e seus elevadores, velhíssimos, sobem mas não descem com os passageiros.

As vezes é quase preciso brigar com alguns franceses para fazê-los entender geografia ou história. No Automóvel Clube de França negaram-nos a carta internacional por julgarem o trânsito daqui insignificante e, portanto, competência frágil para dirigir em Paris. Para eles Buenos Aires é a capital do Brasil, que conhecem através do café, do samba e do futebol. Isso é a confirmação do descaso das embaixadas. Quando lhes mostrávamos fotografias de S. Paulo e Rio, quasi caíam, duros! "Pas possible" diziam!

O dinheiro é uma tremenda mola propulsora de amizades. Nada se faz sem gorjetas.

A idéia de micróbios, asseio pessoal, desinfecção, dizem ser mania de americanos. O pão é conduzido até amarrado nas bicicletas. Água, se bebe em qualquer torneira. É verdade que é muito bem tratada.

A liberdade em certos costumes é ampla. Loiras lindas se beijam à vontade com pretos luzidios e vice-versa. Os namorados fazem abstração do meio.

A mania dos cachorros é grande, e os cemitérios para cães são lindos.

Não há problemas de transportes, nem racionamento. O pão, o leite e a carne são abundantes e bons. Restaurantes de todos os tipos e preços.

O Ópera reúne a fina flor do teatro e a Comédie Française as boas peças. O café é apreciadíssimo, mas parece água de batata. E varia de 3 a 6 cruzeiros. O melhor café é servido no

La Fayette e na Place de L'Opéra, preparado em máquinas italianas.

Pigalle é o centro do pecado. Cabarés dos mais sórdidos aos mais finos. Espetáculos, do artístico ao imoral. Vale tudo e os turistas se deleitam enquanto os outros são compenetrados de seu trabalho. Há um lugar onde raros turistas têm a ousadia de entrar. É a "rue de Lapa". Verdadeiro "bas-fond" de Paris. Lá estão os "durs", talvez os piores cafagestes do mundo. Venda de entorpecentes, contrabandos, explora-

ção de mulheres, etc. Entramos em alguns cabarés e não nos é possível descrevê-los por serem demasiadamente imorais.

Torre Eiffel, museu do homem, museu da marinha, monumentos célebres, jardim zoológico, prados e palácios tomar-nos-iam demasiado tempo. Voltaremos, eventualmente, ao assunto. Temos ainda 8 países para tentar descrever.

Vieram as férias de Natal e fomos para a Itália.

NOTA: — Já posso informar que o DASOP foi dotado de um médico psiquiatra e o Brasil iniciou, na "Citê Universitaire", a construção da Casa do Estudante.

Que bom !

A seguir — Itália —



LICORES  
GIN  
GENEBRA  
VERMOUTH

**BOLS**

GARANTIDOS POR  
UMA MARCA FAMOSA  
DESDE 1575

# ORAÇÃO À BANDEIRA

*Cabo Isaac Cavalcante de Moraes  
do Batalhão "Tobias de Aguiar"*

Muito já se tem escrito acerca da nossa Bandeira, com o fito benfazejo de decantar a epopéia heróica das nossas glórias do passado, das quais, é ela, representante legítima.

São, portanto, justos e valiosos êsses tributos que os intelectuais brasileiros de todos os tempos, da estirpe de Rui Barbosa, Aquino Corrêa, Rio Branco, Olavo Bilac, e tantos outros com pena máscula, têm cultuado o mais caro símbolo da nacionalidade.

A nós nos cumpre, como bons brasileiros que somos, preservar, se não ampliar, tão rico cabedal a fim de que possamos ser dignos dos nossos porvindouros.

As noções de Bandeira e Pátria estão de tal maneira ligadas que parecem encerradas num mesmo círculo vicioso, porque para ter valor o nosso patriotismo é necessário que amemos verdadeiramente a Pátria, o que por sua vez é impossível sem amarmos de igual modo nossa bendita Bandeira.

Afora as demonstrações de afeto representado por letras, podemos assegurar nosso amor à Bandeira de modo mais positivo, profundo e real. Felizmente, dêsse segundo método que se nos oferece para hipotecarmos nossa vassalagem ao nosso que-

rido Pavilhão, temos registrado fatos de rara heroicidade e abnegação.

Não citarei Guararapes nem Dourados, Riachuelo nem Tuiuti, Ito-roró nem Curuzu, Avaí nem Lomas Valentinas, fatos de incomensurável grandeza que a Nação guarda nos fastos da História, como lembrança acarinhadora e diante dos quais a Pátria se curva reverente e agradecida.

Reportar-me-ei a um acontecimento de peculiar amor à Bandeira, escrito com suor e sangue por um punhado de jovens no longínquo ano de 1922. Nas primeiras horas do dia 5 de julho daquele ano, dezoito homens, no verdor dos anos, componentes do valoroso Forte de Copacabana, partiam para um encontro macabro, após dividirem em dezoito partes a Bandeira Nacional existente na histórica fortaleza, a fim de que, na voragem daquela luta desigual, tivessem o alento da Pátria, sintetizada dramaticamente naqueles fragmentos da sagrada Bandeira.

Também num passado bem próximo, nossos denodados soldados do Exército hodierno, mirando-se nas lições do invicto Caxias e levados pela influência benéfica da nossa dileta Bandeira, deram suas vidas ou ficaram mutilados, definitivamente, nos encontros tétricos com as fôr-



ças do mal, nas vertentes ásperas de Monte Castelo, em defesa das Liberdades. Lá, no Velho Mundo, sob os céus da Itália, nossa Bandeira tremula, impávida e altaneira, como esperança de uma humanidade humi-

lhada por dificuldades de toda espécie.

Também a Fôrça Pública deste Estado, em cujo meio tenho a honra de servir, vem dando mostras, desde os primórdios de sua fundação,

e em todos os setores de suas atividades, de afeição profunda à nossa Bandeira.

Na última corrida de São Silvestre, assisti, entre entusiasmado e comovido, o então soldado Luís Gonzaga Rodrigues colocar-se no 3.º posto, após bater-se, galhardamente, com os maiores fundistas do mundo. Desta feita, graças ao nosso poderoso atleta, nossa majestosa Bandeira, naquele instante solene de transição de um ano para outro, foi içada no

coreto olímpico, como encarnação viva do valor físico do nosso povo.

E com esta narrativa sôbre a 28.ª São Silvestre, verdadeiro Hino de Glórias dos Desportos Nacionais à nossa insuperável Bandeira, e que tão de perto tocou à minha briosa Corporação, finalizo este escrito, rogando à Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil que, com o passar dos tempos, se agigante cada vez mais a pureza do culto à Augusta Bandeira da minha estremecida Pátria.

#### NOTA DA REDAÇÃO

Com o trabalho acima, o cabo Isaac Cavalcante de Moraes obteve a primeira classificação, em concurso realizado pelo Círculo Militar, em novembro do ano transato, quando ainda soldado, pois que vem de terminar o Curso de Cabos.

"Militia", cumprimentando o cabo Isaac pelo galardão colhido, conclama os valorosos soldados da Força Pública para que lhe imitem o exemplo, cultivando as virtudes cívicas e desenvolvendo-se culturalmente.

Congratula-se, outrossim, com o ten. cel. Rubens Teixeira Branco, cmt. do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, ante o incentivo que vem propiciando a seus subordinados para atingirem aquêles objetivos.

— // —

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure :

FOTO

"DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Libero Badaró, 651 — 2.º andar — Fone 37-1681 — SÃO PAULO

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

▼ SARSA ▼

LABORATÓRIOS SILVA ARAUJO-ROUSSEL S. A.

PESQUISAS CIENTÍFICAS

por uma equipe de médicos, farmacêuticos e químicos, destinadas a novas descobertas e a aperfeiçoamentos técnicos incessantes

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

de alto padrão técnico, realizada por especialistas, com aparelhagem potente e organização moderníssima.

CONTRÔLE RIGOROSO

e permanente, das matérias primas utilizadas, dos produtos em elaboração e dos produtos terminados, por técnicos exigentes.

JUSTIFICAM A PREFERÊNCIA  
PELOS PRODUTOS FARMACÊUTICOS COM A  
MARCA "TRIÂNGULO SARSA".



# OS TÊRMOS MILITARES DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

Na fundação de Roma, conta Varão, de cada tribo escolheu Rômulo mil homens a pé e cem a cavalo, formando com êstes escolhidos cidadãos o primeiro exército para a defesa da gente romana. Pelo fato de serem mil os escolhidos, deu-se a cada um dêles o nome de *miles*, no acusativo *militem*, e daqui nasceu a palavra *milite*, cujo radical *milit* ainda está em *militar*. A reunião dêstes milites foi adjudicado o nome de *militia*, pronunciada em português *milícia*. Esse primeiro exército, célula fecunda e valorosa daquele outro que depois conquistaria o mundo, contava então três mil homens a pé e trezentos a cavalo, fornecidos pelas tribos *Fitiênsia*, *Râmnia* e *Lucéria*, divididos em três legiões. Se os *milites* se reuniam em *militia*, a si mesmos, camaradamente, se tratavam pelo nome de *commilitones*, isto é, companheiros de *militia*. Compunham três legiões e como *legio*, *legionis* se prende à raiz *leg* que está em *legere*, *eligere*, eram homens *eleitos*, quer dizer, escolhidos. Mais tarde, quando o valor militar decair, dirá o povo romano, sempre de aguda ironia, que já não havia *militia*, mas *melissa*, nome de certa planta aromática e medicinal, cujo aroma, semelhante ao do mel, atraía as abelhas: a *militia* romana, transformada em *melissa*, atraía, não as abelhas, mas as mulheres, o que ainda hoje se dá, pois, não sei explicar a sedução que a gente militar exerce na gente feminina... E cousa ainda mais curiosa, ainda hoje confunde o nosso povo as duas palavras tão diversas pela origem e pelo signifi-

Prof. SILVEIRA BUENO

Catedrático da Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras, da Universidade  
de S. Paulo.

cado: *milícia* e *melissa*. Raro é aquêlo que, tendo necessidade do calmante *água de melissa*, ao pedi-la nas farmácias, não diga: *água de milícia*.

Da nomenclatura militar de Roma pouca cousa nos ficou e, assim mesmo, semânticamente alterada: o *imperator* era o comandante da legião ou das legiões e como sempre os poderes públicos estiveram sustentados pela força militar, muitas vêzes êsses próprios *imperatores* depuseram os chefes civis e passaram a ser os *imperadores*. O Brasil, neste destino de ser uma exceção em tudo, foi o único país da América a possuir dois *imperadores*, cada qual mais desastrado do que o outro. Quem depôs, oficialmente, o último *imperador*? O *Marechal* Deodoro da Fonseca. Êste, parece-me, é o maior pôsto no exército brasileiro: *marechal*. Foi criação germânica: *marahscal*, que se decompõem em: *mar*, derivado de *marco*, (*cavalo*) e *skalks* (aquêlo que trata, que cuida de). Assim, o grande título moderno veio de muito baixo: o *marechal* era simplesmente o encarregado das cavaliças. Passou depois a *guarda* do cavaleiro, a *escudeiro*, isto é, o homem de confiança no tempo do feudalismo. Cresceu cada vez mais de importância até ser o dirigente de tôda a cavalaria. A forma por-

tuguêsa *marechal* veio-nos através do francês *maréchal*. Dizem os espanhóis *mariscal* e os ingleses *marshall*. Existe a forma latinada *mariscalcus*. Na lingua inglesa dos Estados Unidos, o alto título veio a baixo para ser a simples designação de delegado de polícia, o *marshal* que vemos em quase todos os filmes de "mocinhos". O *general*, do latim *generalis*, era apenas o comandante de uma parte do exército e o seu nome quer simplesmente dizer que tem poder geral enquanto outros têm poder limitado, particular. Major representa o latim *maior*, comparativo de superioridade de *magnus*: aquêle que possui mais autoridade do que outro, aquêle cujo poder é "mais grande", é *maior*. Antes de ser título militar, pertenceu aos usos civis das côrtes medievais: *maior-domus* o chefe, o administrador da casa, de que temos *mordomo* em nossa lingua. A gíria conhece a forma *majorengo*, na designação de delegado de polícia, e já existia em alemão *majoringo* de que saiu o italiano *maggioringo*, *maggioren-go*. Ao chefe de uma centúria, em Roma, dava-se o nome de *centurião* de que foi exemplo o mártir de Diocleciano, São Sebastião. De maior ou menor correspondência com a centúria foi a mais moderna *coluna*, cujo comandante passou a ser o *colonnello*, em português coronel. Foi criação italiana e por isto: *colonna*, *colonnello*. Ao corpo do exército, à *coluna*, ao batalhão destinado aos primeiros ataques, deram os italianos a denominação de *brigata* e ao seu chefe de *brigatiere* de que nos ficaram *brigada*, *brigadeiro*. Mas tudo isto repousa em *brigar*, que vem do gótico *brikan*, alemão *brechen*, inglês *break*, quebrar, separar, lutar. Um *brigadeiro* tem de ser, portanto, um *briguento*... De *caput*, *capitis*, cabeça em latim, tiramos dois títulos militares: *capitão* e *cabo*. A pri-

meira veio do latim clássico *capitanus*; o segundo, do vulgar, *caput*=*capo*=*cabo*. Em italiano além de *capo* (chefe) existe ainda o *caporale*. Em nossa lingua, *cabo* tomou vários significativos: *cabo*, chefe; *cabo*, ponta, fim: *cabo* do mundo, dar *cabo* de alguém, *acabar*, *encabar*; *cabo*, acidente geográfico, etc. Veio-nos ainda do italiano *anspeçada*, de *lancia spezzata*, insignia pela qual eram conhecidos os que detinham tal posto. Desta mesma lingua é *fuzil* que muitos escrevem *fusil* por influência francesa. Conhece o italiano duas variantes: *fulcile* e *fugile*, onde bem se vê que não há lugar para o *s*. Prende-se ao tema de *focus* (*fogo*), pois, a primitiva grafia foi *foçile*. Designava-se com esta palavra a pederneira de que ainda faziam uso para obter a faísca inicial. *Furriel* já nos chegou da França e designava apenas um posto de administração: era o sub-oficial encarregado de cuidar do alojamento dos soldados em viagem, de distribuir os víveres. Antes de ser termo militar foi dos usos da côrte: quando os príncipes deviam viajar, despachavam antes um encarregado de prover tudo: hotéis, hospedagens, etc. Era o *fourrier*. Mais modesto do que o *furriel* é ainda o *sargento*, do latim *servente*, simples criado. Somente no século XVI foi que passou a fazer parte da nomenclatura militar. Houve, na Itália, uma arma especial de que andavam providos os sargentos: *la sergentina*. Enquanto o serviço militar foi função simplesmente social, antes da existência dos exércitos permanentes, não se conhecia a palavra *soldado*. Quando, porém, passou a ser officio remunerado, profissão paga, então, porque estavam a *sólido* (de *solidus*, dinheiro em moeda), os militares tomaram a denominação de *soldados*. Ao conjunto da *milícia* sempre se deu o apelativo, coletivo, de *exército*, parti-

cípio passado de *exercere*, exercitar, no sentido de adestrar. Uma parte do exército é o *batalhão*, substantivo originado de *batalha*, que este foi o primitivo nome dessa divisão militar. Do italiano *battaglione* passou ao francês *bataillon* e daqui para o português *batalhão*. A *infantaria*, de origem ainda italiana, prendendo-se ao latim *infantem*, era originariamente composta apenas de jovens, considerados mais fortes, mais aptos para as caminhadas a pé, para os combates de corpo a corpo. Já a *cavalaria* era composta de pessoas mais idosas, que necessitavam de transporte. Note-se que no exército romano só tardiamente surgiu este corpo militar: toda a força era baseada na infantaria, nas legiões. O nosso termo *parada*, que é também espanhol, entrando na Fran-

ça, combinou-se com *parer*, enfeitar, e daqui surgiu o termo militar *faire parade*, isto é, exhibir, em grande uniforme, o exército. Mas já é tempo de *parar* com estas notas etimológicas porque os leitores deverão estar cansados. Vamos com eles ao *casino* ou à *cantina* para uma derradeira explicação. O *casino*, em italiano, era simples diminutivo de *casa* e indicava uma casa de divertimentos. Entrou no francês sob a forma de *casino* (1740) e *casin*. A pronúncia atual *cassino* é influência do espanhol onde o *s* vale sempre *ss*. Do italiano ainda temos *cantina*, ao pé da letra *cantinho*, um canto onde se guardavam alimentos em reserva. Em outra oportunidade, divertirei os leitores de "Militia" com outros termos militares! Faça-lhes agora minha "continência" e até outra vista!

## Consumir

## Produtos

## Nacionais

★ E' um dever de patriotismo.

★ E' ajudar a libertação  
econômica do Brasil.

★ E' contribuir para o  
desenvolvimento da  
nossa produção.

# Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas “de emergência”; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma “fumadinha” durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

---

**A IMPRUDÊNCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !**

---

Contribuição de «MILITIA».

# POLÍCIA FEMININA

*Dra. Esther de Figueiredo Ferraz*

Conferência pronunciada na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no dia 29 / IX / 1953.

○ Departamento Feminino do Centro de Debates da Faculdade de Direito de São Paulo quis que eu pronunciasse uma palestra sobre assunto de interesse da mulher. E impôs-me o tema, intimando-me, de forma imperativa, a falar sobre a Polícia Feminina.

Confesso que me submeti, de bom grado, a «vis compulsiva» exercida por tão amáveis e generosas coatoras. Melhor explicando, diria mesmo que, no caso, não chegou a haver coação, uma vez que entrou em cena, prontamente, a excluir a natureza violenta daquela determinação coletiva, a minha jubilosa concordância, genuíno «consentimento do ofendido» com toda a sua eficácia discriminante.

Realmente, interessa-me ver criada entre nós, uma Polícia Feminina. Há exatamente um ano, quando se realizava a «Semana de Estudos Sobre a Prostituição» sob o patrocínio da Escola de Polícia, obtive do sr. secretário da Segurança Pública, o dr. Elpidio Reali — que me dera a honra de estar presente

à minha conferência, presidindo a sessão de encerramento da semana, obtive de s. exa. a promessa formal de que procuraria fundar, na Polícia de São Paulo, um Departamento Feminino cuja função seria, entre outras não menos importantes, a de combater o flagelo da prostituição e travar luta contra o crime de lenocínio. E chegou a solicitar-me o dr. Reali que colaborasse na organização dessa entidade, recolhendo material sobre as experiências já tentadas no estrangeiro, e estudando a possibilidade de aplicar-lhes os resultados ao nosso meio.

## A mulher na atividade policial

Esses estudos e observações solidificaram em meu espírito a convicção a respeito da necessidade de serem aproveitados os serviços da mulher na atividade policial, ou melhor, em certos setores dessa atividade.

A restrição que acaba de ser feita deixa bem claro, desde logo, o meu ponto-de-vista sobre a matéria, ponto-de-vista que venho, aliás, sis-

tematicamente sustentando cada vez que me cumpre opinar sobre o deli- cado problema da participação da mulher moderna na vida profissio- nal, fora dos quadros estritamente familiares ou domésticos.

Não me parece, com efeito, que se deva — em nome de um errô- neo e superado conceito feminista, em nome de um feminismo agres- sivo e antipático que quer fazer da mulher a rival e a concorrente do homem — não me parece que se de- va disputar para o elemento feminino o direito de livre acesso aos quadros da Polícia Civil, fundando-se essa reivindicação no princípio da igual- dade dos cidadãos, consagrado por dispositivo constitucional que proíbe, entre outras, as distinções oriundas da diferença de sexos. O que se de- ve investigar é se a Polícia precisa das mulheres. Se há, na multiforme e complexa atividade policial, seja preventiva, seja repressiva, lugar para a colaboração feminina. Se postos existem em que essa colabo- ração — dadas as qualidades especí- ficas que caracterizam o sexo frá- gil — se torna útil ou mesmo indis- pensável. Se o interêsse público lu- cra com a presença das mulheres na máquina policial, desde que lhes sejam atribuídas funções compatíveis com suas aptidões e suas capacida- des. Isso sim, é o que importa, já que o problema há de ser encarado do ponto-de-vista da Polícia e de suas exigências, e não tomando-se como critério de referência a mulher e seus pretensos direitos. Pois, se fi- car provado que a Polícia, em certos e determinados casos — como, por exemplo, naqueles em que estão en- volvidos menores, incapazes ou ou-

tras mulheres, maxime as vítimas da prostituição — se ficar demons- trado que, em tais casos, há neces- sidade da colaboração feminina, en- tão já não estará em causa uma reivindicação da mulher, mas uma reivindicação da Polícia. E' ela quem precisa da mulher, quem re- clama os seus serviços, que exige a sua cooperação. E, ao invés de advogar o direito que teriam as mulheres de ingressar na carreira policial, iríamos patrocinar a cau- sa da Polícia, invocando o dever que àquelas incumbe de prestar a esta última a sua colaboração.

#### Presença indispensável

Não se impressionem, pois, os es- piritos mais conservadores com o ti- tulo aparentemente revolucionário desta palestra. Se me bato pela organização de uma Polícia Femini- na no Brasil, nos moldes das que vi ou sei existirem em outras terras, produzindo os mais frutuozos, os mais compensadores resultados, é porque estou plenamente convenci- da de que é, em verdade, indispensá- vel a presença da mulher no cé- nário policial. Não em benefício de- la própria, a funcionária, que bem mais cômoda ou rendosamente esta- ria instalada, enquadrando-se no apa- relhamento escolar, assistencial ou burocrático. Mas para o bem das inúmeras pessoas que, por circuns- tâncias diversas — a miséria, a igno- rância, a doença, o desamparo, o vício, o crime — se vêm colhidas nas malhas da Lei, e que não esta- riam suficientemente protegidas se a sua situação ficasse entregue ex- clusivamente a mãos masculinas.

Aliás, são dois problemas diversos, o da Polícia e o da mulher na Polícia.

Mesmo com a atual organização policial, toda ela masculina, pois são homens os delegados, subdelegados, comissários e investigadores, mesmo dentro dessa organização que exclui peremptoriamente a Polícia Feminina, ainda haveria conveniência em que se colocassem mulheres em certos e determinados postos.

Realmente, quem negará que uma mulher formada em medicina seria mais indicada que um profissional homem para realizar em menores, adolescentes ou jovens vítimas de atentados sexuais — o exame médico legal exigido pela lei para que se instaure o processo crime contra o culpado? E quem deixaria de admitir que uma escritã ou escrevente, ao tomar e datilografar as declarações dessas infelizes vítimas — declarações que, às vêzes, humilham mais, aviltam mais, ofendem mais que o próprio atentado, desde que prestadas na presença de um homem — quem deixará de admitir que aquela funcionária saberá inspirar à declarante maior confiança, saberá compreendê-la e auxiliá-la melhor, poupando-lhe o vexame de descer a detalhes abjetos que marcam a alma feminina como ao corpo o ferro em brasa? Quem duvidará da conveniência de se manter, no plantão da Central ou do Gabinete de Investigações, uma assistente social ou um corpo de assistentes, para receber as mulheres que aí chegam trazidas pelas viaturas, algumas ébrias e vadias, outras grávidas apanhadas a tentar a prática de um

abôrto, outras rés de infanticídio, outras prostitutas presas em plena «racolage», outras enfim, moças de família, colegiais conduzidas à presença da autoridade pelo simples facto de estarem a beijar o namorado numa sala escura de cinema ou sob o abrigo discreto de uma alameda de jardim? Quem, melhor que uma assistente social para proceder à triagem desse heterogêneo material humano, encaminhando a doente para o hospital, a gestante para a maternidade, a prostituta para um casa de recuperação, a mocinha inexperiente para o abrigo seguro de seu lar onde a aguardam, talvez ansiosos, os membros da família, tecendo prognósticos os mais sombrios sobre as possíveis causas de sua demora? E quem mais indicado do que tal funcionária para indagar das causas desse antigo ou recente desajustamento, fazendo a cada qual as perguntas que deve e pode fazer, sem confundir a ébria e a infanticida, a ladra e a prostituta, sem impor à moça de família que, apavorada, se desfaz em lágrimas a um canto da Delegacia, a tremenda vergonha de responder ao inquisitório malicioso e bisbilhoiteiro de certos policiais especializados nas tais «batidas moralizadoras» pelos bairros e arrabaldes da cidade? Finalmente, nos casos de crimes contra os costumes praticados contra menores, quem mais apto que uma esclarecida e experimentada assistente social para convencer os pais da vítima de que sua filha não se encontra «desonrada» por um ato de bestialidade alheia, mas que deve permanecer na reconfortante e pura atmosfera doméstica, ao in-

vés de ser remetida, como animal imprestável e corrompido, para os asilos e reformatórios onde — aí sim — ficará sujeita a todos os perigos, tornando-se candidata provável ao meretrício?

Todos êsses exemplos mostram, à saciedade, que a presença da mulher na Polícia — mesmo respeitada a nossa vigente organização, de base nitidamente masculina — é, de fato, uma necessidade. E felizes nós sentiríamos, já, se essa remoção dos quadros policiais se fôsse operando paulatinamente, colocando-se hoje uma doutora em medicina e uma enfermeira no Gabinete Médico-Legal, amanhã uma ou várias assistentes sociais nos plantões da Central, depois uma escrevente em cada Delegacia Distrital, e assim por diante, até que em cada posto onde se exigisse a intuição, a sagacidade, a docura, tenacidade e capacidade de compreensão de uma alma feminina, aí estivesse efetivamente, uma mulher.

#### Policia Feminina

Mas podemos e devemos ir mais longe, organizando o que se chama a Polícia Feminina.

Cada vez que se ouve falar, no Brasil, em policial feminina, a imagem que se tem em mente é logo a de uma mulher fardada militarmente de homem, com um quêpi na cabeça e um apito na boca, a dirigir o tráfego ou a fiscalizar a saída do futebol. Ou então, com o 38 à cinta, disfarçado sob o clássico impermeável dos investigadores, a rondar os bairros da cidade prendendo ladrões, «tarados» e batedores de carteiras. Há 2 ou 3 dias, quando

entrava no saguão da Faculdade e passava diante do cartaz que anunciava a conferência desta noite, vi dois rapazes postados diante do retângulo de cartolina, a menear melancolicamente a cabeça, e a dizer um ao outro com um suspiro de incôntida e dolorosa reprovação: «Essas mulheres! O que lhes terá dado no bestunto que pretendem entrar para a Polícia?!»

Mas não são só os estudantes de Direito que meneiam dessa forma e com tamanha melancolia a cabeça, diante de semelhante escândalo. Há cêrca de um ano e meio, quando o sr. Mozart Lago apresentava ao Senado o projeto de lei de sua autoria, criando na Polícia Civil do Distrito Federal o Departamento Feminino, Costa Rêgo, um dos príncipes do jornalismo brasileiro, escrevia um artigo — espécie de carta dirigida a um suposto amigo seu, o Joaquim — criticando acerbamente a extravagância do senador. Ele dizia o seguinte: «Um comissário de Polícia deve cumprir tarefas abomináveis. Lida com bêbedos e ladrões, fica de plantão pela noite a dentro, ganha inimigos e até, como acontece ao de nome Padilha, inimigas. Figure você, Joaquim, a Angélica, tão bem educada em colégio de freiras, a surpreender moças erradas no Leblon. Além do constrangimento que isso lhe traria, a mesma ação policial perderia muito de sua eficácia no momento em que ela precisasse estabelecer o flagrante, e o cúmplice masculino da culpada se valesse de sua condição de rapaz violento e musculoso. Polícia respeitável é como a dos ingleses: requer homens altos e fortes. A doce Angélica tem um

# NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS

— PELA GRAVARTE LTDA. —

— // —

metro e quarenta e cinco de altura, que nem o salto à Luiz XV avanta-ja, e sua bolsa de crocodilo não po-de carregar um revólver, tomando espaço ao «baton», à caixinha de pó de arroz, ao espelho, ao pente».

Para começar, já incide em êrro o sr. Costa Rêgo quando coloca na Polícia Feminina a Angélica — pequena boneca de porcelana quebradiça, fútil e inexperiente como uma «debutante» que aguarda o seu primeiro baile, e cujo programa diário se esgota com as visitas à modista, à massagista, à manicura, ao cabeleireiro, sonhando com a eventualidade de ser eleita «glamour girl» «garôta 53» ou «miss Planalto». Pois a Polícia Feminina não é mesmo pa-

ra a Angélica, para nenhuma Angélica do mundo, que o papel da Angélica é o de brilhar nos salões, nas praias e nas piscinas, atraindo olhares pelo seu encanto e graça, exigindo proteção pela sua fragilidade. A Polícia Feminina requer mulheres adultas, independentes, experientes — como tantas que eu conheço — que têm olhos abertos para tôdas as realidades da vida, sabem como enfrentar essas realidades e possuem aquelas qualidades de inteligência, de caráter e de coração indispensáveis a quem pretende esquecer-se de si para servir ao próximo e ser útil à coletividade. —

(Conclui no próximo número)

— // —

## Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

— :: —

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397 — End. Teleg. «ARGUIISO» — S A O P A U L O

# POEMA DO MOLEQUE BRASILEIRO

Para "MILITIA"

*Moleque vadio  
Que anda nas ruas,  
Dizendo pilhérias às moças que passam;*

*Moleque vadio, sem compostura,  
Que apedreja as vidraças,  
E não respeita ninguém;*

*Moleque sem Deus, sem lar e sem pão,  
Que rasgou a cartilha e esqueceu a lição;*

*Moleque que brinca de manja nas noites escuras,  
Que briga e vai prêso,  
E dorme nas calçadas, abandonado,  
Sob os olhares tristes da irmã lua;*

*Moleque vadio,  
Viciado,  
Que anda armado à procura do crime,  
Que se embriaga nos botequins,  
E rouba os brinquedos dos outros meninos,  
Que nunca soube o que foi carinho,  
E vive sem rumo e sem finalidade  
Pelas ruas da cidade,  
Pelas veredas dos velhos subúrbios;*

*Moleque quase homem,  
Que nunca chegou a ser criança,  
Que não sabe o que é ter uma esperança,  
Que tem uma história tão triste, tão amarga,  
E traz no olhar, despido de ilusões,  
A mágoa de gerações e gerações...*

*Moleque!  
Você não pode ser o futuro do Brasil!...*

DJALMA PASSOS  
Cap. da PM do Amazonas



# SECCÃO *Feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

## CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

**RITA DE CASSIA**  
Redação de "Militia"  
Rua Alfredo Maia, 106  
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

**RITA DE CASSIA**

(Bacharel em Jornalismo  
pela Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo)

## FATO EM FOCO:

Mais uma vez o senador carioca Mozart Lago levanta a sua voz em defesa da mulher. Trata-se do projeto que pretende abrir as portas da imortabilidade às filhas de Eva, possibilitando a sua entrada para a Academia Brasileira de Letras. Tal projeto, que conta com o apóio dos imortais Osvaldo Orico, Afonso Pena Jr., Anibal Freire e Menotti del Picchia, está repercutindo grandemente em nossos meios literário, político e social.

Basela-se o brilhante senador carioca na ascensão vertiginosa da mulher brasileira aos domínios das ciências e das artes, como bem o provam os prêmios que, pela primeira vez no Brasil, foram, êste ano, concedidos a três escritoras.

Coube à paulista Diná Silveira de Queirós o maior e mais importante — o "Machado de Assis" — que anualmente é atribuído ao escritor que, pelo conjunto de obras publicadas, mais se assemelha ao imortal autor de "Don Casmurro", "Quincas Borbas" e "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

A Helena Silveira — irmã de Diná — foi conferido o prêmio "Afonso Arinos", pelo seu livro "Mulheres, freqüentemente". Pode-se dizer, entre parêntesis, que foi êste também um dos casos mais originais de que se tem notícia: duas irmãs laureadas num mesmo ano.

Ondina Ferreira, com o seu livro "Mêdo", conseguiu arrebatar o cobiçado "Júlia Lopes de Almeida".

Se o projeto do senador Mozart Lago, que se fundamenta nos artigos 141, 144, 166 e 174, da Constituição Federal, fôr aprovado, as portas do "Petit Trianon" abrir-se-ão, para sempre, às intelectuais brasileiras que de há muito suspiram por um lugar ao sol.

RITA DE CASSIA

## SER OU NÃO SER

Para demonstrar que um automóvel de aço é um dos lugares mais seguros para se abrigar, durante uma tempestade elétrica, um

cientista americano permaneceu sentado, em seu carro, enquanto êste recebia descargas elétricas de três milhões de volts.

A mula não pode zurrar, sem levantar a cauda. Foi por êste motivo que, nas guerras passadas, costumavam-se amarrar a cau-

da destes animais a fim de que não denunciasses ao inimigo, pelos seus ornejos, a presença da tropa.

— o —

A quantidade de bacilos de tétano necessária para matar uma galinha é a mes-

ma que se usaria para acabar com 500 cavalos. Por outro lado, enquanto um pouco apenas de beladona é suficiente para liquidar um homem, um coelho pode tomar um litro, sem nada sentir.

Os norte-americanos têm tanto horror às pulgas que um médico chegou a inventar um produto líquido denominado "Antígeno das pulgas", que pode ser utilizado para afugentar aqueles insetos, mediante injeções subcutâneas.

☆ ☆ ☆

## RESPONDA SE FOR CAPAZ

Quem é o autor destes versos, e como se intitula o poema que começa assim:

Bandeira de minha terra  
Bandeira das treze listas!  
São treze lanças de guerra  
Cercando o chão dos paulistas!

E termina assim:

Bandeira que é o nosso espelho!  
Bandeira que é a nossa pista!  
Que traz no tópo vermelho  
O coração dos paulistas!

RESPOSTA: na página 44.

—//—

## ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

Tempo houve, leitora, em que às vésperas de Santo Antônio, São João e São Pedro, as moças costumavam tirar sorte para ver se iam ou não se casar.

Quebravam, então, ovos dentro de um copo com água; procuravam ver o roste de seu futuro cônjuge, no espelho ou nas águas de um riacho qualquer; usavam pingar lágrimas de vela em bacias com água, para ver as iniciais de seus pretendentes, ou então escreviam vários nomes em pequenos pedaços de papel para, na manhã seguinte, retirar um deles, justamente o do escolhido por Santo Antônio.

Bons tempos aquêles. Alegres, singelos e repletos de fantasia..

Hoje, as moças já são mais práticas. Não usam mais tirar sorte, mesmo porque não lhes interessa o nome do candidato e sim a sua situação financeira.

Querem, antes de saber o seu nome, de conhecer a sua inteligência, verificar primeiro si tem dinheiro no banco, ótima posição na sociedade, e se seu automóvel é do último tipo.

Já não têm, portanto, aquêles romantismo que caracterizava as moças de outrora.

Talvez as de hoje estejam com a razão pois, na época que corre, não é mais possível "um amor e uma cabana". Em todo caso, é sempre bom lembrar que "de ilusão também se vive"...



## SUGESTÕES

Eis aqui três lindos modelinhos. Qual deles você prefere? Ah! Não sabe? Pense bem, pois são todos muito agradáveis.



Se você não quer fazer um vestido caipira para a festa junina, arranje uma saia bem rodada, uma bluzinha decotada, um chapéu de palha, um par de botas, e pronto. Se não acredita, inspire-se no clichê abaixo e veja como a garôta está toda feita neste traje de última hora.



## QUADRAS JUNINAS

Nas vésperas de Santo Antônio, São João e São Pedro, as garôtas fazem votos para obter seus eleitos. Vejamos algumas das rezas para ver se vale a pena. Se no fim der certo, menina, não perca mais tempo, encomende o seu noivinho ao Santo casamenteiro.

### SÃO JOÃO

Meu São João querido,  
Perdoe-me que assim o ataque,  
Mas me mande um bom marido,  
Sentado num cadiláque...

### SANTO ANTONIO

Com Edgar reza a sorte,  
Maria vai se casar...  
Se a Ruth pegar o Arlindo,  
Com quem eu hei de ficar?

### SÃO PEDRO

Se com meu pranto pudesse  
Recobrar o que perdi  
Chorava até enferrujar  
O chaveiro do Pedroca...



## RECEITUÁRIO AMOROSO

**DESAJEITADA** — São Paulo — Puderá que não consiga namorar mais que uma semana, com o mesmo rapaz. Se gosta de militar, porque aceita a proposta dos civis, si como assunto tem somente para comentar a beleza e o garbo dos cadetes de Rezende? Enquanto pensar e agir desta maneira, duvido que um rapaz, que não seja cadete, vá ao segundo encontro marcado. Pense bem e faça a sua escolha: ou fardados, ou civis; mas não proceda de modo a desgostar um e outro, si não quer correr o risco de ficar para titia...

**OPERARIA** — Santo André — Arranjar um bom casamento é questão de tempo e de sorte. Se gosta do rapaz e está disposta a contribuir com o seu salário, para a manutenção do novo lar, não vejo o que lhe possa dizer. Em todo caso, pense bem, para não se arrepender mais tarde. Lembre-se que,



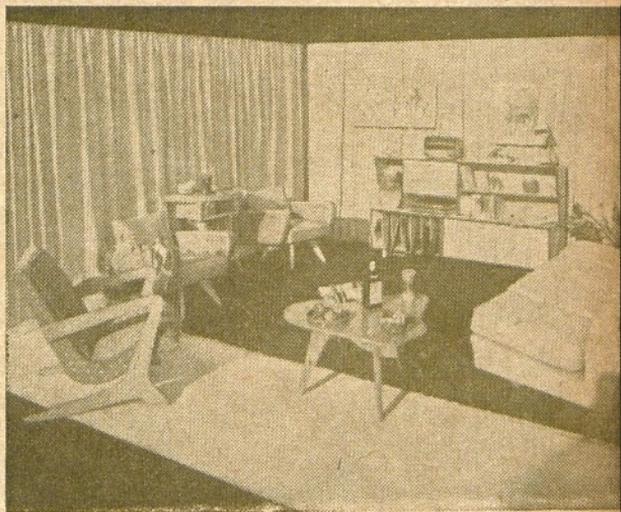
quando os filhos vierem, terão de ser deixados numa creche ou em casa dos avós. Enfim, isto é comum, nos nossos dias: além do que, "Quem muito pensa, não casa". Boa sorte e disponha sempre desta seção.

## LAR MODERNO

*Já se foi o tempo em que se usava móveis prêtos, pesados e trabalhados. A tendência, hoje em dia, é para as côres alegres, variadas que, sem dúvida alguma, dão muito mais vida ao ambiente.*

*Assim é que os decoradores engenhosos costumam mobiliar as salas de jantar, de visitas, os quartos e os escritórios de maneira que, aquêles que nele penetrem, sintam-se contagiados pelo ambiente e, esquecendo-se dos dissabores, passem a pensar nas coisas alegres, nos bons momentos que a vida, volta e meia, nos proporciona.*

*Assim, si você é adepta dêste estilo de decoração moderno, preste atenção nos clichês que aqui publicamos e os aproveite se tiver gosto semelhante ao nosso.*



1 — Ao alto você encontra uma espaçosa e lindamente mobiliada sala de visitas, ou de estar, se preferir assim.

A não ser pela variedade de modelos e de côres das poltronas e sofá, quase que o mobiliário não apresenta modificação.

Deve-se destacar, também, o desenho da mesinha de centro e do estante de discos. Não é mesmo um amor de sala?



Eis aqui uma sala de jantar das mais simples que se conhece. Note, também, a influência das cores e a disposição dos móveis, responsáveis pela bonita apresentação do conjunto. Não quer ter uma igual? Então mostre ao seu marido...



## ENRIQUÇA O SEU "MENU"

Como o assunto dêste mês diz respeito a festas juninas, vamos dar-lhes, hoje, as receitas de doces e bebidas que se costuma servir, nestas noites de balões, fogueiras e busca-pés.

Aí vão:

### DOCINHOS CAIPIRAS PE' DE MOLEQUE

#### Ingredientes:

1 rapadura; 1 prato de amendoim torrado e moído; 1 pires (dos de café) de farinha de mandioca.

#### Modo de fazer

Leve a rapadura ao fogo, com um pouco de água, para melhor ajudar a derretê-la. Quando estiver derretida, coe o melado com um pano, para eliminar as impurezas. Volte a panela com o melado ao fogo e deixe engrossar. Vá experimentando o ponto, em uma xícara de água fria. Quando o melado formar uma bola, ao ser colocado na água fria, adicione o amendoim e a farinha de mandioca, mexendo bem e

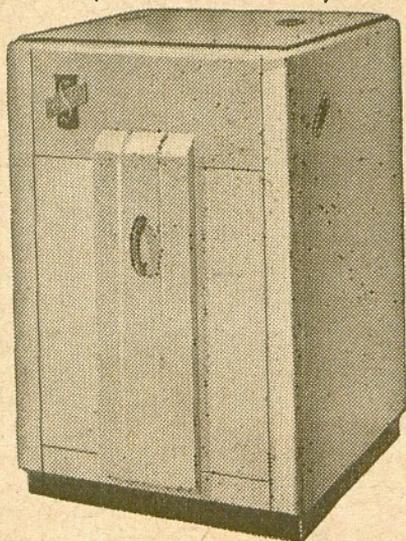
batendo até começar a querer açucarar. Despeje então numa pedra-mármore, previamente untada com

manteiga, corte em losangos ou em quadradinhos assim que a mistura estiver fria.



no interior da máquina de lava

um turbilhão  
que age  
com  
carinho

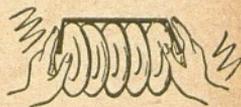


# PRIMA

a que lava  
roupa



e lava  
pratos



Que prazer, vestir uma roupa bem limpa, bonita como no primeiro dia! Para isso, PRIMA lava com carinho movimentando somente a água - quente ou fria. Mas com que ritmo! 500 rotações por minuto, nada menos. Quer dizer: em 4 minutos, nessa velocidade eficiente, lavam-se 5 quilos de roupa bem lavada. E mais: não há necessidade de água corrente, pois que a PRIMA se pôde encher até com uma caneca, não funciona à pressão d'água. Pode-se levá-la para qualquer parte da casa sôbre os seus tres rodízios de rolamentos. Essa mobilidade se deve ao fato de que PRIMA não trepidando, dispensa instalação fixa.



Coloque-a na cozinha, PRIMA  
lavará também seus pratos

★

PRIMA realmente merece a  
sua atenção - A sua  
preferencia.

Venha vê-la em nossa  
loja, em pleno funcionamento  
A senhora ficará encantada!

Assistência tecnica  
completa e permanente



## CASSIO MUNIZ S. A.

Importação e Comércio

Praça da República, 309 - São Paulo

A VENDA NAS BÔAS CASAS DO RAMO

**QUENTÃO — Ingredientes:**

1 litro de pinga; 4 litros em rodélas; 1 1/2 copos d'água; 4 cravos da Índia; 50 g. de gengibre em pedaços; alguns páus de canela; açúcar a gosto.

**Maneira de fazer:**

Misture tudo num caldeirão e deixe ferver. Depois, conserve em fogo brando e vá servindo quente, em canecas de barro ou de louça.

Nota: As canecas de metal tiram um pouco do sabor do quentão.

**Docinhos de Batata, Roxa**

Cozinhe uma quantidade de qualquer de batatas roxas, descasque-as e passe-as pela peneira. Pese então a massa e, para cada quilo, junte o correspondente em açúcar. Misture tudo e leve ao fogo, mexendo até ver o fundo da panela. Aperte um pouco mais o ponto, tire do fogo e deixe esfriar. Faça bolinhas do doce, passe depois em açúcar cristalizado e, se quiser, leve ao sol para secar mais depressa.

Lembre-se, leitora, de que as pipocas, os milhos verdes, as batatas doces



assadas na fogueira, as pipocas de amendoim e os cuscús, também são impres-

cindíveis a uma festa em homenagem aos santos casamenteiros...



**CONSELHOS**

- 1 — Remova dos talheres de peixe o cheiro do pescado, lavando-os com água bem quente, à qual misture um pouco de vinagre.
- 2 — Para quem gosta de café bem cheiroso, é só misturar, no momento em que a água começar a subir, uns cravos da Índia e alguns grãos de café "Moka".
- 3 — Os espelhos manchados podem ser limpos com uma boneca de pano, previamente molhada em água de Colônia. O polimento deve ser dado com um pano de sêda enxuto.
- 4 — Para retirar as manchas da parede, junto ao interruptor da luz, basta esfregar o local com um pedaço de pano úmido.

**Jardim das Bolsas**  
RUA D. JOSÉ DE BARROS, 288  
EM FRENTE DO "CINE OPERA"

Resposta (pág. 39)

Guilherme de Almeida - "Nossa Bandeira".

## A B C. DA DONA DE CASA



1 — Deve-se limpar os utensílios de ferro esmaltado com água fervendo, evitando usar areia ou qualquer outra coisa que possa tirar lascas do esmalte.

2 — Para afugentar ratos basta, em muitos casos, colocar uns trapos enopados com terebentina, perto dos buracos, onde esses roedores se escondem...

3 — Quando as flôres artificiais, que enfeitam a casa, estiverem maltratadas, experimente submetê-las ao vapor de água fervente, arme-as novamente, deixe-as secar.

4 — Sempre que desejar obter um bom caldo, ponha-o a cozinhar, em água fria.

5 — Para evitar que o queijo Parmesão endureça, rale o pedaço todo, mesmo que só precise de algumas gramas. Coloque o restante numa vasilha e guarde na geladeira. Dêste modo, durante muito tempo você poderá aproveitá-lo...

## É BOM SABER

1 — O banho frio tomado todos os dias, pela manhã, é exigência de todo organismo sadio. A ducha fria e quente, em seguida, além de estimular os órgãos, faz também com que o sangue circule com maior rapidez.

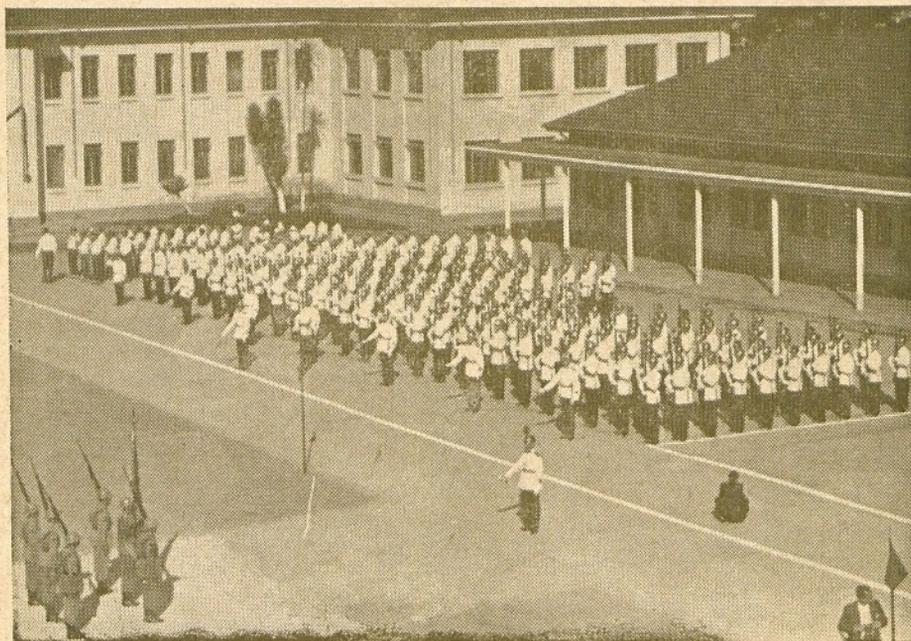
2 — Se suas pálpebras estão inchadas por efeito de uma noite passada em claro, ou em lágrimas, um cozimento de cebolas, aplicado sobre os olhos, na forma de compressas, é uma receita excelente.



3 — Para conservar os dentes em bom estado é preciso utilizar-se, na alimentação, de fosfato de cálcio e de magnésio, carbono e cloreto de cálcio, além de uma boa dose de cloreto de sódio. Esses minerais são encontrados no leite, nos ovos, nas verduras e nas frutas.

4 — As sobracêlhas bem cuidadas realçam a beleza dos olhos. Para conseguir bons resultados convém escová-las durante a noite, aplicando-lhes, assim como também aos cílios, um pouco de óleo de rícino.

# ENTREGA DE ESPADINS



O Curso de Formação de Oficiais, formados no pátio do CFA.

Na tarde de 24 de maio último, realizou-se, no quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, a cerimônia de entrega de espadins aos novos alunos do Curso de Formação de Oficiais. Ao ato, que se revestiu de grande solenidade, compareceram o governador do Estado, dr. Lucas Nogueira Garcez; gen. Newton Estilac Leal, comandante da Zona Militar Centro; desembargador Paulo Colombo de Queiroz, presiden-

te do Tribunal de Justiça; dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, secretário da Segurança Pública; dr. Renato da Costa Lima, secretário da Agricultura; cel. Oscar de Melo Gaia, comandante geral da Fôrça Pública; d. Paulo Rolim Loureiro, bispo auxiliar de São Paulo; representantes da 2.<sup>a</sup> Região Militar e da 4.<sup>a</sup> Zona Aérea; diretores do Clube Homs; grande número de oficiais do Exército, Aeronáutica e Fôrça Pú-



"Filme" da entrega individual dos espadins, pelas mais altas autoridades presentes.

blica, outras altas autoridades civis e militares, além de inúmeros outros convidados.

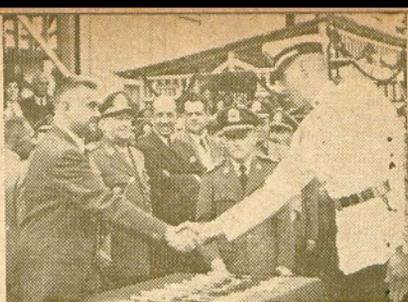
Lotava o vasto pátio do quartel selecionada assistência, dando realce às festividades a presença de inúmeras senhoras e senhoritas de nossa sociedade.

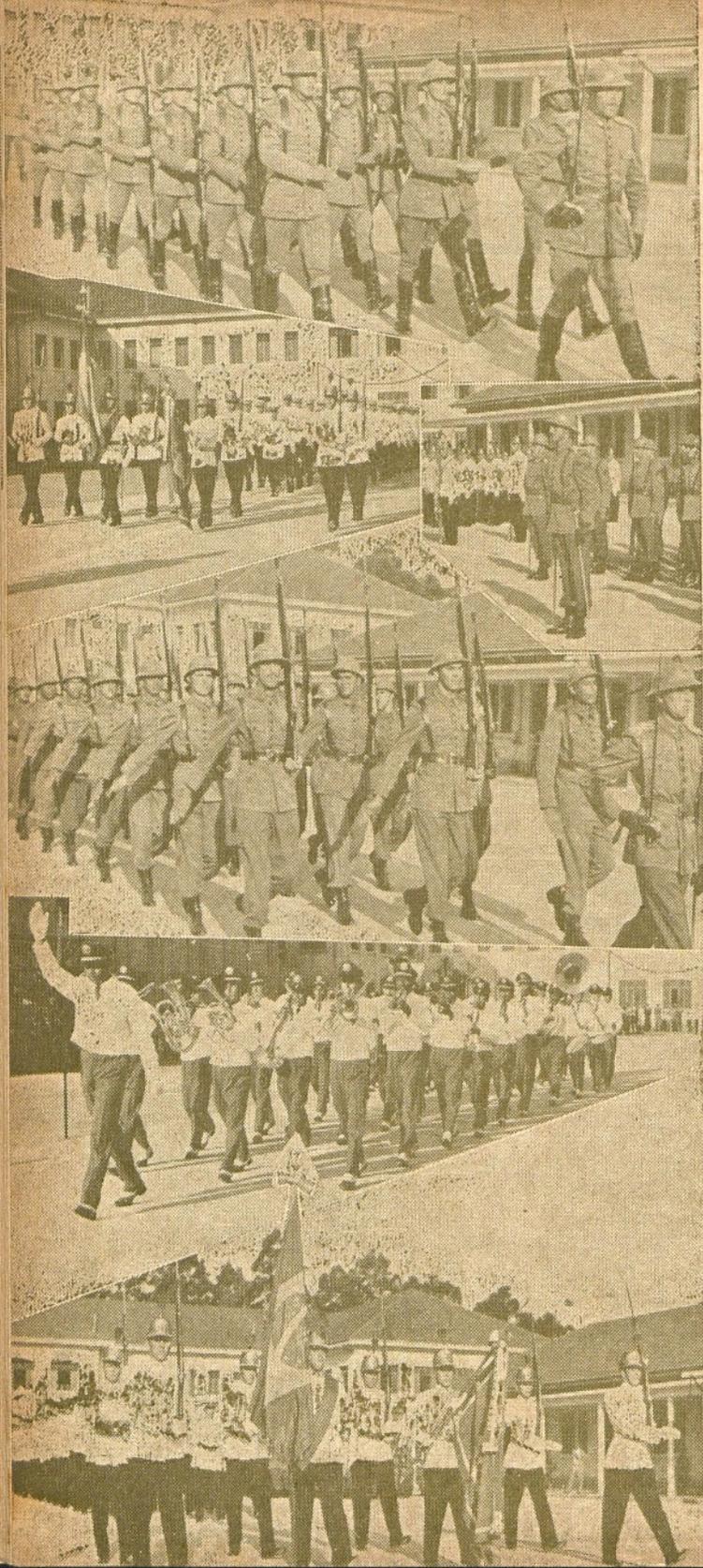
Recebidas as autoridades pelo ten. cel. Rubens Teixeira Branco, comandante do Centro de Formação e Aperfeiçoamento e pela oficialidade da unidade, a tropa, em uniforme de gala, sob o comando do ten. cel. Arrisson de Souza Ferraz, prestou continência ao governador do Estado, dando-se, assim, início à solenidade. Seguiram-se a oferta de nova Bandeira ao estabelecimento de ensino da Fôrça Pública e a entrega de espadins aos alunos que, concluindo o Curso Preparatório, eram matriculados no 1.º ano do Curso de Formação de Oficiais. Um a um desfilaram eles, recebendo o espadim simbólico, das altas autoridades ou de pessoas da família, sob calorosas palmas.

Logo depois, perfilados, braço direito estendido, prestaram o solene compromisso à Bandeira.

Prosseguindo a cerimônia, os alunos desfilaram em continência ao símbolo da Pátria.

Foi, então, lido o boletim baixado pelo ten. cel. Rubens Teixeira Branco. Nesse documento, depois de ressaltar o sentido histórico do 24 de maio se declara: «Foi dia tão

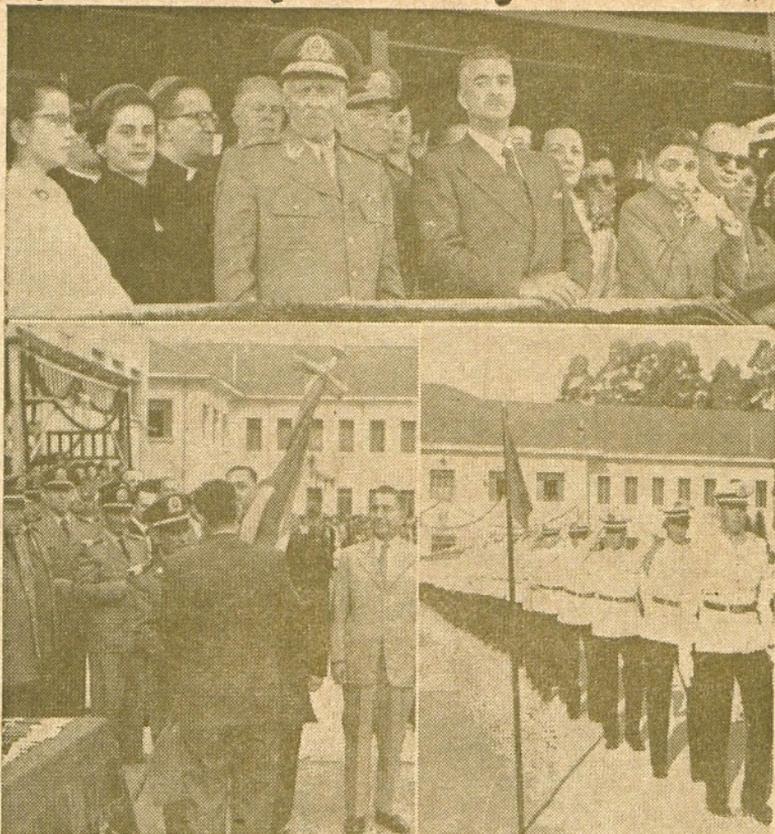




---

A objetiva de "MILITIA" registrou os flagrantes ao lado, durante o desfile dos diversos cursos, no pátio interno do CFA.

---



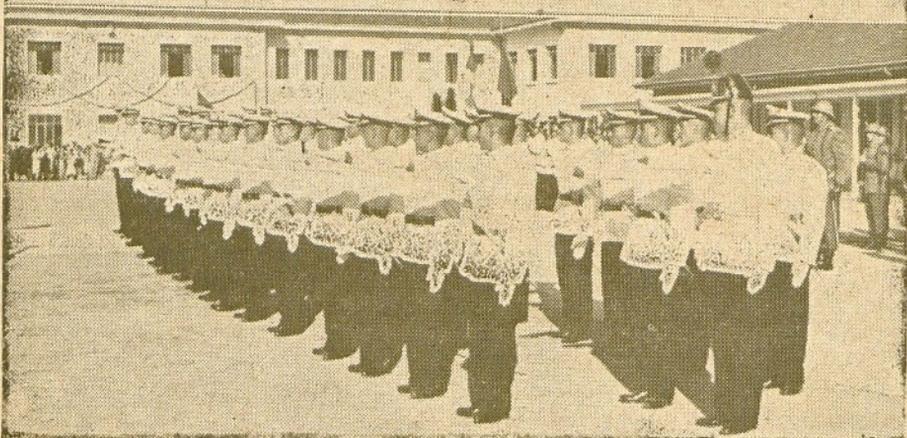
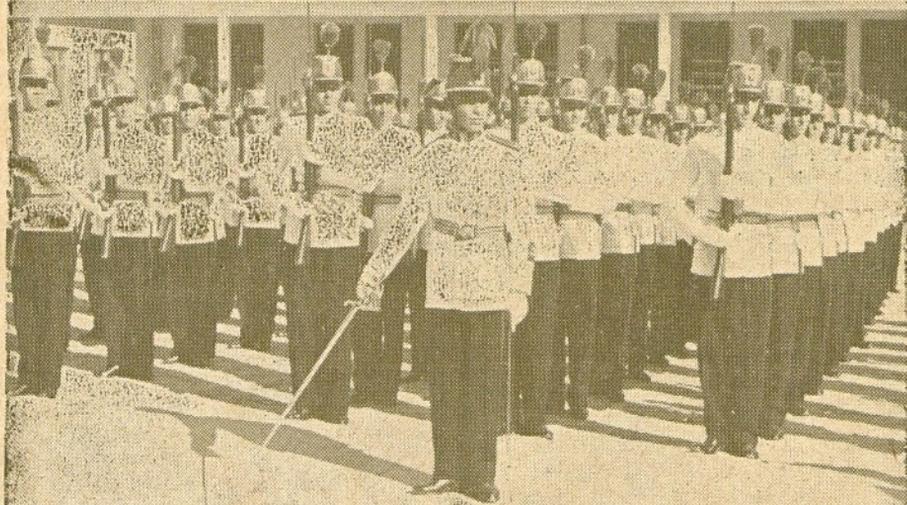
Autoridades assistem ao desfile, do palanque armado no pátio do quartel. Em baixo e à esquerda, um membro da diretoria do Clube Homs faz entrega da Bandeira que aquela entidade ofereceu ao CFA; à direita, desfile dos novos alunos, em continência ao Pavilhão Nacional.

festivo, efeméride que fala tão alto ao culto cívico da nossa terra e da nossa gente, que o Centro de Formação e Aperfeiçoamento o escolheu e consagrou no seu regulamento, para a entrega do espadim simbólico e do compromisso à Bandeira dos novos alunos-oficiais».

Continuando, esclarece: «O espadim que vos foi entregue, por entre as luminárias deste dia e na apoteose deste momento, é símbolo da

honra e do dever militar. É a representação de um ato de fé na carreira abraçada, ampliado pelas circunstâncias especialíssimas da sua outorga».

Agradecendo uma tocante homenagem, expressa: «Num gesto de cativante fidalguia, quis a Diretoria do Clube Homs, entidade que dignifica os foros de cultura e elevação social de São Paulo, homenagear o Centro de Formação e Aperfeiçoamento».



Outros flagrantes da festa do CFA.

mento, fazendo-nos a oferta de uma Bandeira do Brasil. Foi ela recebida com as honras militares de estilo e com a consagração da fina e seleta assistência que aqui se comprime. Já está enquadrada na tropa, na posição ímpar que lhe compete. E' uma Bandeira nova, mas já possui tôdas as glórias do «auriverde pendão que a brisa do Brasil beija e balança». E' a mesma Bandeira que beijou os heróis tombados em Tuiuti, à mesma que panejou, vitoriosa, em Itororó e Monte Castelo, a mesma que foi desfraldada em triunfo nas ruas de Assunção, e nas grimpas dos Apeninos. Terá, nesta unidade, uma guarda fiel das suas tradições e do seu acervo de glórias».

E, finalizando, concita: «Que a nova e a velha Bandeira, transfigurada numa só Bandeira, porque representam uma pátria una e indivisível, testemunhas do vosso juramento, jovens alunos-oficiais, sejam incentivo permanente da vossa fidelidade à palavra empenhada e às idéias que ela representa! E' preciso viver a poesia do dever e sentir o encanto de servir. O patrimônio secular e glorioso da Fôrça Pública, fundado em renúncias e sacrifícios, em vigílias e canseiras, por São Paulo e pelo Brasil, não deve apenas ser conservado, mas ampliado pela vossa e pelas futuras gerações de oficiais. Não vos importeis com o egoísmo e o embuste que campeiam por aí afora».

Terminada a leitura do Boletim, a tropa desfilou com garbo e absoluta correção, em continência às au-



#### NO CLUBE HOMS

Esteve animadíssimo o "Baile do Espadim", como se vê dos instantâneos acima.

toridades presentes, às quais, a seguir, bem como ao convidados, foi oferecido um coquetel no refeitório da unidade.

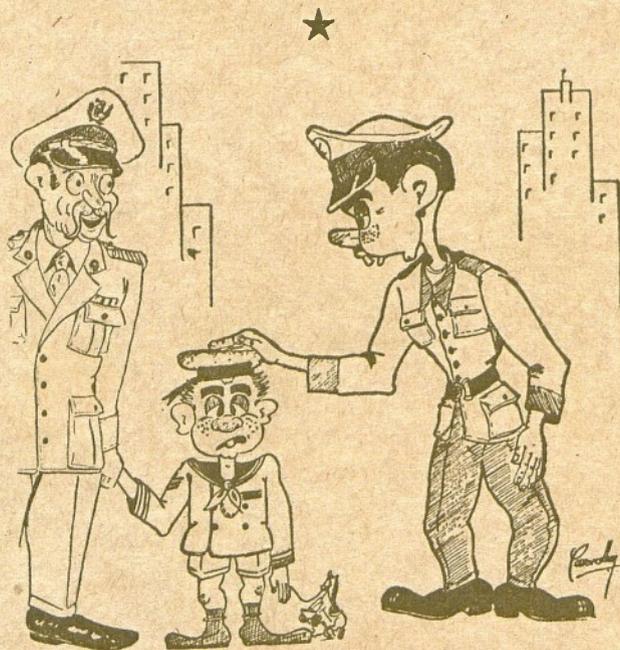
Como fêcho das festividades, os alunos-oficiais do 1.º ano patrocinaram a realização do já tradicional «Baile do Espadim», a 29 de maio, que se constituiu em magnífica festa, à qual estiveram presentes altas autoridades e pessoas de projeção em nossa sociedade.

O baile, realizado nos amplos salões do Clube Homs, foi abrilhantado por Zêzinho e sua Orquestra TV, e transcorreu em ambiente da mais franca cordialidade. À uma hora,

sob os acordes musicais, os novos alunos-oficiais dansaram, com as respectivas madrinhas, a valsa especial.

No intervalo os alunos do 1.º ano, como demonstração de amizade, ofertaram ao cap. Carlos Domingues Guimarães Ambrogí, comandante da Escola de Oficiais, um espadim-miniatura.

«Militia», presente às solenidades, se congratula com os comandos da Fôrça Pública e do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, pelo brilhantismo dos festejos, ao mesmo tempo que cumprimenta e felicita a cada um dos novos alunos-oficiais.



### O ZÉ CHALEIRA

— Que gracinha!... meu Deus!...

(De LIBERTAS, n.º 8)

# TEMÁRIO DO I CONGRESSO MUNDIAL DE ENTIDADES DE IMPRENSA

Está em fase final de impressão o temário do I Congresso Mundial de Entidades de Imprensa, que se realizará em São Paulo, de 6 a 13 de novembro próximo, promovido pela Associação Paulista de Imprensa e patrocinado pela Comissão do IV Centenário. Esse temário, que será distribuído, oportunamente, a todas as associações de jornalistas do mundo, tem os seguintes itens:

## Dos problemas da Imprensa

Liberdade de Imprensa — Legislação; organismos oficiais de controle; direito de informação.

Ética Jornalística — Fidelidade e elevação; sensacionalismo; missão educacional e cultural.

Elementos de Produção — Aparelhamentos e matérias primas; meios de informações e transportes; aperfeiçoamentos técnicos.

## Da atividade Profissional

Conceituação da Profissão — Modalidade do exercício jornalístico; definição dos setores e dos órgãos de atuação; normas de ética profissional.

Direitos e reivindicações — Salário profissional e demais formas de remuneração; condições de trabalho; leis de amparo e previdência.

Obrigações e deveres — Dignificação da profissão; aprimoramento profissional e cultural; cooperação associativa.

## Da Organização Associativa

Definição do Movimento — Jornalistas profissionais (empregados); editores de jornais e revistas (empregadores); agrupamentos mistos (todos os setores da Imprensa).

Organização e Intercâmbio Mundial — Enquadramento geral numa entidade de enlace; credencial internacional da profissão; assistência aos jornalistas em trânsito; permutas de regalias associativas (convênios).

## Dos Problemas Gerais

Finalidades das escolas de jornalismo; Imprensa, Rádio e Televisão; acesso às fontes informativas; isenções, franquias e facilidades.



# OS 18... DO BRAÇO FORTE

Havia nos Armazéns Centrais do Cais do Pôrto do Rio de Janeiro, muitos tonéis de hipossulfito, alguns dos quais já haviam entrado em combustão espontânea. A administração, para evitar o perigo que isso representava, ou afastá-lo da cidade (no que andou acertada), determina que sejam levados até ao depósito de explosivos e inflamáveis da ilha do Braço Forte.

Lá, havia um grande armazém onde primitivamente se guardavam os inflamáveis e os produtos químicos perigosos. Do outro lado da ilha, afastada do armazém e tendo de permeio o morro que a constituiu, havia uma pequena casa para os explosivos. Como, porém, as telhas foram quebrando e os insultos do tempo deixaram outros sinais, foi a casa abandonada e os explosivos começaram a ser colocados no mesmo grande armazém (sem divisões) onde se armazenavam os inflamáveis.

Nesse armazém, no lado leste, tinham sido depositadas 1.000 caixas de detonadores, espoletas, etc., cêrca de *uma tonelada de fulminato de mercúrio!*

Pois bem, que melhor local do que este para colocar tonéis de hipossulfito que se sabia já terem entrado em combustão espontânea, pelo contato com a água? Como no armazém havia também um grande depósito de aguarrás, outros inflamáveis e produtos químicos, foram os tonéis de hipossulfito colocados onde havia lugar — esparramados por toda parte.

O telhado deixava algo a desejar, pois a ilha fica a uma hora de lancha da cidade, muito desabrigada e, quis a fatalidade que, com a chuva que caía,

*Ten. cel. Tislano F. Leoni*  
Brigada Militar do Rio  
Grande do Sul

fôssem molhados alguns tonéis de hipossulfito, entrando dois destes em combustão, em pontos diversos.

Um vigia (sic), sentindo, do outro lado da ilha, um cheiro estranho, saiu correndo a ver o que se passava. Olhou Viu o fogo em dois pontos. Foi correndo até a casa do pedreiro (cêrca de 600 metros morro acima), pedir auxilio para que este "cavasse" um pouco de areia com que pudesse apagar aquêles fogos... Saiu, mais uma vez, indo avisar o operador da estaçãozinha de rádio, para que comunicasse o fato à administração do Pôrto. Já eram 21,30 horas de 6. Juntou-se após ao pedreiro, entrando no armazém, abrindo uma grande porta o que permitiu a entrada de oxigênio, para incentivar o fogo, e como o recinto já estava tomado de perigosos gases, nada pôde fazer...

O operador de rádio, depois de muito lutar, conseguiu entrar em contato com os encarregados da administração do Pôrto. Estes, avisaram a Marinha. E foi a Marinha que avisou o Corpo de Bombeiros — só então — cêrca das 23 horas. Este saiu imediatamente, aportando à ilha às 24,25 horas de 7, mais ou menos. Nesse ínterim, lanchas do Pôrto já haviam retirado as famílias residentes na ilha. Duas explosões, pequenas, já se haviam verificado.

O fogo, a esta hora, já era considerável. Os bombeiros atacam no ponto

onde êste era maior, embora fôsem avisados, aos gritos, de "ai não, ai não", e imediatamente descem, iniciando o estabelecimento, enquanto os oficiais fazem o reconhecimento ao mesmo tempo que vão dando as ordens.

O ponteiro inexorável do destino marca 00,27 horas, do dia 7 — três horas depois do iniciado o fogo. De iniciado, não, de avistado, pressentido pelo odor dos gases que desprendia!

Os homens, mais ou menos aglomerados, uns na manobra de atracação, outros retirando material, outros prontos para agir de acôrdo com as ordens que estavam sendo dadas.

Nesse momento, um vulcão brota da terra, sacudindo a ilha em tôda sua extensão, arremessando para dentro do mar e em tôdas as direções, três quartas partes do enorme armazém de cimento armado, um guindaste de 15 toneladas (que ainda não foi encontrado), 180 metros cúbicos de terra, pedras e outros detritos de tôda natureza e, de envolta com êles, mutilados, triturados, esmagados, 18 bombeiros, afora os que, por se acharem numa outra ala, ficaram somente feridos, uns graves, outros levemente. Seus corpos vão sendo encontrados a 5, 10, 300 e mais de 1.000 metros de distância. Provavelmente, de alguns jamais se verá sinal, pulverizados que foram pela violência da explosão de uma tonelada de fulminato de mercúrio.

Deixemos o lado humano, deixemos o anônimo heroísmo dêsses homens para analisar, primeiramente, o fato sob o ponto-de-vista técnico.

De quem o erro? Procurar nomes, seria, certamente, fazer uma injustiça. O criminoso, o assassino, é nosso espírito de desidia, de desinterêsse, de indiferença, de falta de senso do problema. Os pobres vigias não sabiam se havia ou não extintores na ilha, tanto que procuraram, numa ilha de pedra, um pouco

de areia e isso quando o incêndio já se alastrava, em hipossulfito... em aguarás... Vi, depois, um extintor de espuma no que foi a casa do pedreiro, sêco, com a carga estragada por não ter sido renovada. Os homens declaram que nunca ninguém lhes dissera como agir em caso de incêndio e para que serviam aquêles tubos vermelhos, e isso num local cercado por todos os lados por depósitos enormes de combustível de tôdas as Cias. petrolíferas que operam no Brasil.

Os bombeiros só foram avisados pela terceira entidade a ser científica do que ocorria. E, acima de tudo, a inconsciência, a ignorância de colocar, praticamente, fogo perto duma carga tão grande do mais violento explosivo, denotam que somos realmente um povo que não tem a menor compreensão do problema e que não se interessa por êle. Inconscientemente vai matando e se suicidando, prejudicando a economia da nação, desacreditando-a, ridicularizando-a como se fôsse constituída exclusivamente de tolos.

Explosivos junto com inflamáveis e produtos químicos já em início de decomposição... A idéia original havia sido boa de separar êsses perigosos inimigos. Mas a seguir veio a incuria, a irresponsabilidade e os misturos; produtos químicos de fácil combustão espontânea, um violento inflamável como a aguarrás e um dos mais terríveis explosivos (o mesmo que ocasionou a tragédia com o CPOR), tudo de cambulhada e bem miscegenado, num local afastado, desprotegido, onde os homens encarregados da "vigilância" não podiam reunir maior quinhão de ignorância de como agir em caso de incêndio e além do que completamente inermes, desprovidos de quaisquer recursos.

Comq se vê, se os vigias tivessem sido instruídos no uso de extintores e

se os houvessem em quantidade suficiente e apropriados, tudo se teria limitado a um pequeno incidente de serviço, grandes cabedais não teriam voado pelos ares e preciosas vidas não se teriam esfumado na voragem do cataclisma que assolou a ilha.

Que a lição nos valha para alguma coisa...

Agora, algumas palavras para os homens que tombaram. Um major, um tenente e 16 praças. Dizemos tombaram, porque êsse é o vocábulo usado para casos semelhantes. Mas êsses homens, em tombando, se ergueram em meio ao mar de misérias morais que os cerca, pela serena afronta ao perigo que sabiam muito grande, tanto que, galhofeiramente, disseram a seus colegas que não mais voltariam, porque sempre zombavam entre si dos perigos que mutuamente afrontavam, o que era mais uma fonte de estímulo. Não vacilaram um só segundo em dar de si tudo, para segurança de um mundo tão descrente em gestos de renúncia e de devotamento e que pretende valorizar a vida no acúmulo de conforto e de bens materiais, onde cada vez mais fundo enterra a alma, justamente com os valores eternos, imperecíveis que, êstes sim, tornam a vida digna de ser vivida. Vi, tanto o local, onde se deu o "terremoto", como alguns corpos retirados da água. Vi seus colegas, com vergonha das lágrimas, que sem querer, lhes marejavam os olhos ante o espetáculo do qual poderiam ser as vítimas, vi os familiares dos desaparecidos, chorando os seus mortos, com êsse desespero que se torna maior por não poder abraçar o despôjo querido, vi a destruição e a dor, palpáveis, maciças, mas vi também, o orgulho, a determinação dos que ficaram, de se dar cada vez melhor e mais, porque só assim

poderão vencer o terrível inimigo que não é vencido senão pela força e pela renúncia, e pela capacidade de sacrifício. O material, os meios, são simplesmente os instrumentos com que o devotamento dos bombeiros combate o fogo, os desabamentos, os afogamentos, os mais variados desastres, tendo por divisa o lema: *Servir!*

Não obstante o grande número de céticos, de hedonistas, a humanidade não está de todo perdida, enquanto existirem homens animados com o espírito que anima os bombeiros de toda parte.

O que é preciso é evitar se multipliquem as possibilidades de tão grandes catástrofes. Haja uma forma de pôr cõbro à irresponsabilidade dos inconscientes para que o heroísmo e a abnegação de uns não seja pasto inerte da insensibilidade moral de outros, que desumana e criminosamente põem em perigo a vida e a segurança da sociedade.

Há a legenda dos "18 do Forte", que foram para a morte para que esta simbolizasse a fé que tinham na Vida Eterna da Pátria, que fortificavam com seu exemplo.

A ela veio juntar-se a legenda dos "18 do Braço do Forte" que, quando todos "calculam" até o tamanho do sorriso, de conformidade com o que êste lhes possa render, afronta a morte e morrem, serenos, desprezando-a, dando-se, assim, integralmente, à causa que defendem, à missão que motiva suas vidas.

Estranha tirana, a Morte! A quem serenamente a afronta — a quem despreza — ela respeita, ou, se o leva, immortaliza-o. Mata, mesmo, somente o covarde, o que foge dela. Este morre duas vezes. Aos heróis ela glorifica.

SALVE OS IMORTAIS 18 DO  
BRAÇO FORTE!

---

# FALECIMENTO

Na manhã de 27 de maio último, faleceu, no Hospital Militar, o cabo JUVENAL TOLEDO DE ANDRADE.

Durante vários lustros o cabo Toledo prestou marcantes serviços à Corporação. Participou de tôdas as campanhas em que se empenhou a Fôrça Pública e, como simples praça, soube impôr-se pela bravura e serenidade. Exerceu, realmente, a liderança entre seus pares e conquistou absoluto respeito e grande estima de seus superiores.

Reformado, cêrca de vinte anos atrás, continuou em sua Milícia, trabalhando, lutando e oferecendo a oficiais e praças o exemplo e o estímulo constante da prática de tôdas as virtudes, que êle, como muito poucos, soube cultivar.

Pelas suas ações, durante longos anos, quando na gerência do Ran-

cho do antigo Centro de Instrução Militar, grangeou o afeto e a consideração de milhares de oficiais e praças em trânsito pelos cursos de formação.

Não tendo parentes conhecidos, fêz da Fôrça Pública sua família e, de seus componentes, irmãos.

Foi grande e simples; boníssimo coração.

Poucos, Toledo, tiveram ou terão tua ventura. Receber, como última homenagem, tão espontâneas e sinceras lágrimas de tantos amigos!

Foste um paradigma para a atual geração da Fôrça Pública. Sê-lo-ás para as vindouras, porque teu nome perpetuar-se-á entre nós, como exemplo vivo de miliciano completo.

Adeus, Toledo! Tôda a reverência de «Militia» à tua imperecível memória!

# Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Em sessão ordinária da Diretoria, realizada em data de 31 de maio do corrente ano, foram despachados os seguintes processos:

**Pensões concedidas** — 2.239,20 a d. Maria Benedita de Jesus Fonseca, com as menores Olga e Aracy Pires da Fonseca, viúva e filhas do 2.º sgt. rfm. Judith Pires da Fonseca; 2.099,70 ao menor Cláudio Patton Soares, filho do subten. Cláudio Soares dos Santos; 2.039,40 a d. Ruth de Souza Nascimento, viúva do 2.º sgt. Herotildes Alves do Nascimento, do S.T.M.; 2.100,60 a d. Ana Tomazello dos Reis, viúva do 3.º sgt. rfm. Waldomiro Lino dos Reis; 2.100,60 a d. Soledade dos Santos Moreira com a senhorita Maria Alves Moreira, viúva e filha do cabo rfm. Joaquim Alves Moreira; 1.920,60 a d. Adelina Antônia Mariano, genitora do 2.º sgt. rfm. José Jerônimo Fortunato; .. 1.800,00 a d. Vitorina da Silva Gonçalves, viúva do 3.º sgt. rfm. Nestor Gutierrez Gonçalves; de 1.800,00 a d. Mariana Lima dos Santos, viúva do 1.º ten. rfm. Benedito Nogueira dos Santos; 1.330,20 a d. Elídia Kramer de Medeiros, viúva do sd. rfm. Francisco de Souza Medeiros; 1.260,00 a d. Laura Bernardo de Oliveira, genitora do cabo rfm. Sebastião Bernardo de Oliveira; 1.260,00 aos menores Dolga, Milck e Valda Felix, filhos do cabo rfm. Sérgio Severiano; 1.139,40 a d. Yolanda Rocha Quintiliano com o menor João Quintiliano, viúva e filho do sd. José Quintiliano, do 2.º B.C.; 945,00 a d. Vitória Pais com a senhorita Herotildes Pais, viúva e filha do cabo rfm. Pedro Pais; 886,20 a d. Otilia de Oliveira Honorato, viúva do sd. Antônio Pedro Honorato, do 2.º B.C.; 793,80 a d. Cecília dos Anjos, viúva do sd. rfm. Joaquim Peres; e 255,20, ao menor Ivahi dos Santos Cabral, filho do cabo rfm. Pedro de Oliveira Cabral.

**Restauração de Pensões** — Foram restauradas as pensões atribuídas aos menores Maria Aparecida, Geraldo e Elizabeth Gomes, matriculados sob n.º 2086-A e Hilda Aparecida Teodoro, matriculada sob n.º 2503 e que se encontravam retidas por falta de tutoria.

**Empréstimos Imobiliários** — Sob compromisso: 200.000,00 ao 2.º ten. Joaquim Aguiar de Carvalho; 150.000,00 ao subten. Synésio Pontes; 160.000,00 ao subten. Herotildes Carvalho de Araujo; 136.000,00 ao 1.º sgt. Astor Muniz de Souza e... 80.000,00 ao cabo Italo Lau Pinto; **Hipotecário** — 407.000,00 ao major Alfredo Ferreira de Camargo; 350.000,00 ao major Alfredo Guedes de Souza Figueira; 374.000,00 ao major José Gladiador; .. 240.000,00 ao 1.º ten. Júlio Soares e... 267.400,00 ao 2.º ten. Agenor dos Santos Silva; **Hipotecário** (artigo 69 do Regulamento): — 50.000,00 ao 1.º sgt. Nestor Batista da Silva; **Suplementar**: — 62.000,00 ao major Waldomiro Mariano.

**Requerimentos despachados** — Ten. Cel. da reserva Artur Guisolf de Castro, solicitando pagamento de abono funeral: "Deferido"; pensionista d. Sebastiana Moreira da Conceição Cipoli, solicitando majoração de pensão: "Reconsidero o despacho anterior e concedo a majoração pleiteada na forma regulamentar"; capitão Plínio Oséas da Silva: "Deferido"; 3.º sgt. rfm. José Ramos da Silva, solicitando seja declarada sua beneficiária, sua genitora, à vista do falecimento de sua esposa: "Indeferido por falta de amparo legal. O requerente tem dois filhos menores conforme consta de sua ficha de "Declaração de Família" e que são seus diretos beneficiários"; de d. Ana Galoti, pensionista, solicitando majoração de pensão: "Mantenho o despacho anterior face às informações", Rodrigo Toscano, ex-soldado da Fôrça, solicitando devolução de certidões de casamento e nascimento. "Não há o que deferir. Os documentos solicitados não se encontram no arquivo desta Caixa"; Argemiro Martins Corrêa, curador de seu genitor, solicitando majoração de contribuição: "Deferido. Proceda-se a carga respectiva"; pensionista d. Elídia Kramer de Medeiros, solicitando a remessa de sua pensão para a cidade de Piraguanunga: "Deferido. Remeta-se a pensão correndo as despesas por conta e risco da

(Continua na pág. seguinte)

## GENERAL BENJAMIM RODRIGUES

A fim de despedir-se do comandante geral da Fôrça Pública, por seguir para Pôrto Alegre, onde desempenhará as funções de chefe do Estado-Maior da Zona Sul, esteve no Quartel General, no dia 14 de maio, o gen. Benjamin Rodrigues Galhardo. S. excia., recebido pelos céis. Oscar de Melo Gaia, cmt. geral, José Ramos Nogueira, inspetor administrativo, João de Oliveira Melo, diretor geral de instrução, ten. cel. Paulino Vieira das Neves, chefe in-

terino do EM, e pelos cmts. de corpo e chefes de serviço, falou enaltecendo a Fôrça Pública de São Paulo e manifestando o apreço e estima que dedica a seu comandante geral.

O cel. Oscar de Melo Gaia, agradecendo a distinção da visita, formulou votos de felicidades ao gen. Galhardo em suas novas funções.

«Militia», associando-se às manifestações de apreço ao gen. Galhardo, cumprimenta o ilustre oficial General.

---

requerente"; de Miguel Vicente dos Santos, ex-sd. da Fôrça, solicitando devolução de certidões de casamento e de nascimento: "Deferido. Entregue-se mediante recibo"; de d. Francisca Custódio de Lacerda, curadora do 3.º sgt. rfm. Benedito Lacerda, solicitando majoração de contribuição: "Deferido. Faça-se a carga correspondente", da pensionista d. Lourdes Silva de Oliveira, solicitando a remessa de sua pensão para a cidade de Franca: "Deferido. Remeta-se por conta e risco da requerente"; de Luís Gomes de Campos Filho, cabo rfm. sobre concessão de empréstimo hipotecário: "A vista da desistência do comprador, arquive-se".

Balancete da "Receita e Despesa" da Caixa — Devidamente examinado e tendo em vista o parecer da Comissão Fiscal, foi aprovado o balancete da "Recei-

ta e Despesa" desta Caixa, referente ao mês de MARÇO do corrente ano, cujo resumo abaixo se transcreve: **Recebimentos** — Contribuições mensais, 1.599.294,00; Jóias, 375.504,60; outros recebimentos, 4.437.949,60; Caixa Econômica Estadual, 5.449.376,00; saldo do mês anterior, .. 137.560,40; SOMA 11.999.684,60; importâncias não recebidas: IPESP, de janeiro a março de 1954, 30.090,90; Subvenção do Estado, de janeiro a março de 1954, .. 750.000,00; Pensões do Estado em atraso para com a Caixa, 913.581,20; SOMA GERAL, 13.693.356,70. **Pagamentos** — Pensões, 1.545.099,60; Carteira Imobiliária, 4.580.900,00; outras despesas, 4.458.970,70; Empréstimos Simples, 1.299.370,00; saldo que passa para o mês seguinte, ..... 115.344,30; SOMA, 11.999.684,60; Rendas a receber: importâncias lançadas nesta conta, 1.693.672,10; SOMA GERAL, .... 13.693.356,70".

# SECRETÁRIO DA SEGURANÇA PÚBLICA

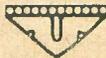
Nomeado secretário da Segurança Pública, tomou posse do cargo, a 12 de maio último, o dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque.

Ao ato, que se realizou no auditório do Palácio da Polícia, compareceram autoridades e grande número de pessoas gradas, entre as quais notamos: srs. José Ferreira Keffer, representando o governador do Estado, dr. Azevedo Antunes, secretário da Saúde, cel. Oscar de Melo Gaia, cmt. geral da Fôrça Pública, Alcindo Bueno de Assis, sub-chefe da casa civil do governador do Estado, dr. José de Melo Moraes, Magnífico reitor, desembargador Breno Caramurú Teixeira, do Tribunal de Alçada, oficiais da Fôrça Pública, delegados e funcionários da Polícia civil.

Inicialmente, falou o dr. Elpídio Reali, transmitindo as funções ao dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque e fazendo um relato de sua gestão à frente da importante pasta. Discursaram, a seguir, os srs. Ferreira Keffer e Pedro de Alcântara.

Finalmente, dirigindo-se às autoridades civis e às pessoas presentes, usou da palavra o dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque. Referiu-se, de início, à familiaridade com que conta no seio da polícia paulista, pois, ainda estudante de direito, já se enfileirava entre os funcionários da secretaria da Segurança Pública. Depois, disse, «mal saído da Faculdade, ingressava eu na carreira policial e peregrinei por numerosas cidades do meu Estado natal, exercendo as espinhosíssimas e delicadas funções de delegado de polícia». Relembrou sua passagem pelas diretorias da Casa de Detenção, Escola de Polícia e Guarda-Civil de São Paulo. Após outras considerações, finalizou o novo secretário da Segurança Pública, traçando diretrizes que orientarão sua ação no exercício do cargo.

«Militia» cumprimenta o dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, e lhe augura feliz gestão no exercício das novas funções a que foi chamado pelo governador de São Paulo.



Não transmitas nem acolhas maledicências, voluntariamente. O difamar outros pode, na ocasião, dar satisfação à malignidade do orgulho dos nossos corações, mas a fria reflexão tirará conclusões muito pouco vantajosas de tal disposição; e, no caso da maledicência, como no roubo, o receptor é sempre reputado tão bom como o ladrão.

LORD CHESTERFIELD



## BAHIA

### SOCIEDADE BENEFICENTE DA POLÍCIA MILITAR

No dia 11 de maio p. findo, a Sociedade Beneficente da Polícia Militar, em sessão solene, empossou os seus novos diretores, para o biênio 1954-56:

**Assembléia Geral:** presidente — major Salomão do Nascimento Rehem; vice-presidente — cel. José Galdino de Souza; 1.º secretário — 1.º ten. José Lopes Modesto; 2.º secretário — 2.º ten. José Oliveira Andrade. **Conselho Administrativo:** presidente — cap. José Eloi de Carvalho (reeleito); vice-presidente — cap. Durval Maximiano de Brito (reeleito); secretário — cap. Tescon Rodrigues Nogueira (reeleito); procurador — cap. Gutemberg Sodrê Gonçalves; conselheiros — cap. CB Domingos Raimundo Canabrava, cap. Segismundo Rodrigues de Melo, ten. da reserva Artur Brandão de Barros e ten. dentista Otávio Falcão Brandão Sobrinho. **Tesoureiro** —

2.º ten. da reserva Pedro Elias Cardoso de Oliveira; **Comissão Fiscal:** 1.º ten. Alírio Cerqueira da Silva, 2.º ten. Francisco Ney Ferreira e asp. Adalberto Cunha; **Bibliotecário:** 2.º ten. Dilson Freitas Seixas.

As solenidades realizaram-se com a presença do cel. José Isidro de Souza, presidente de honra da Sociedade e comandante-geral da PM, representante do comandante da 6.ª RM, do 2.º Distrito Naval, do governador do Estado, do secretário da Segurança Pública, do cardeal primaz da Bahia, do Corpo de Bombeiros, além de oficiais das várias corporações militares e suas famílias.

### Homenagem aos voluntários da Pátria

Durante a sessão, usou da palavra o cap. Edson Franklin de Queiroz, que, em ligeiro improviso, salientou que justamente naquela data, lá por 1870, regressavam à Bahia os bravos elementos do antigo Corpo de Polícia (embrião da atual PM) que integraram os 10.º e 41.º Corpos de Voluntários da Pátria, na campanha contra o Paraguai, ombro a ombro com as forças de Caxias e Osório. Neste ensejo, o orador pediu que fossem homenageados os dignos antepassados, tanto os que morreram nos sangrentos combates, como os que já haviam falecido com o perpassar dos tempos, por todos os presentes, permanecendo em silêncio durante um minuto.

### Encerramento da sessão

Depois de falarem vários oradores, destacando-se os major Demóstenes Paranhos, presidente do Clube dos Oficiais, e ten. Francisco Ney Ferreira, pela diretoria empossada,

falou o cel. José Isidro de Souza, que presidiu à sessão, tecendo seus louvores aos diretores da Sociedade Beneficente, entidade que vem desenvolvendo um amplo programa de assistência aos seus associados, oficiais, sargentos e praças da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros, estensivo às suas famílias.

### CARTEIRA DE PREVIDÊNCIA DAS PRAÇAS

O Comando Geral da PM designou os caps. Bento Pacheco Alcofado, Augusto Fernandes Santa Rita e 1.º ten. Alírio Cerqueira da Silva, para representá-lo na gerência dos fundos da Carteira de Previdência das Praças da corporação, anexa à SBPM.

### COMANDO DO 3.º B.C.

Assumiu o comando do 3.º B.C., em caráter interino, o cap. Carlos de Souza Carvalho, que exerce as funções de delegado regional na cidade de Juazeiro (sede da unidade), ficando dispensado das mesmas funções o 1.º ten. Salatiel Pereira de Queiroz, que passou a exercer as de sub-cmt. da Unidade, também em caráter interino.

## DISTRITO FEDERAL

(POLÍCIA MILITAR)

### 145.º ANIVERSARIO DA CORPORAÇÃO

Com a presença do sr. Getúlio Vargas, presidente da República foram realizadas, no dia 13 de maio último, várias solenidades comemorativas do 145.º aniversário da criação da Polícia Militar do Distrito Federal.

Pela manhã, o sr. presidente da República inaugurou, em Olaria, um conjunto de vinte casas destinadas aos cabos e soldados da corporação que mais se destacaram pelo comportamento e que possuem mais elevado número de filhos.

O chefe do Governo chegou ao local acompanhado de general Caiado de Castro, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República; do major José Henrique Accioly e comandante José Ferraiolo Filho, ajudantes de ordens; ministro da Justiça, sr. Tancredo Neves, sendo recebido pelo Comandante da Polícia Militar, coronel Ururahy Magalhães e outras autoridades civis e militares.

Depois de percorrer o conjunto residencial, o presidente Getúlio Vargas fez a entrega das chaves da casa número um ao cabo Maurílio Pereira Braga que a mereceu por ser exemplar no cumprimento do dever e chefe de família, com oito filhos menores.

A entrega das chaves das demais casas foi feita por outras autoridades presentes.

O Coronel Ururahy Magalhães teve ensejo de informar ao chefe do Governo que as referidas casas foram construídas com os recursos da própria Polícia Militar, sem aumento de verba, sendo utilizados material e mão de obra da corporação.

### NO CENTRO DE RECRUTAMENTO

Após a solenidade realizada em Olaria, sr. presidente Getúlio Vargas e comitiva seguiram para o Centro de Recrutamento da Polícia Militar, em Marechal Hermes, onde o

4.º Batalhão de Guardas prestou, ao chefe do governo, as continências do estilo.

Achavam-se presentes o ministro da Guerra, sr. general Zenóbio da Costa, o prefeito do Distrito Federal, coronel Dulcídio Espírito Santo Cardoso, o chefe de Polícia, sr. general Moraes Ancora, o comandante da 1.ª Região Militar, General Aristoteles de Souza Dantas, generais Lino Sucupira, Lamartine Pais Leme, Rômulo Colonia, outras altas patentes militares e destacadas figuras dos nossos meios políticos, da magistratura e da administração federal e municipal.

Foram realizadas, na presença do Chefe do Governo, várias demonstrações de equitação, a cargo do Regimento de Cavalaria da Polícia Militar.

Terminadas essas demonstrações foi oferecido um almôço ao Chefe do Governo e demais autoridades presentes e durante o qual falaram o Comandante da Polícia Militar, Coronel Ururahy Magalhães e, agradecendo, em nome do Presidente da República, o ministro da Justiça, Sr. Tancredo Neves.

#### *Discurso do comandante da PM*

O cel. Ururahy de Magalhães, dirigindo-se ao sr. presidente da República, disse:

*"O apôio invariável que V. Exa. tem dado às nossas iniciativas, constitui um estímulo para que não esmoreçamos no itinerário que seguimos. E também um aplauso ao que conseguimos realizar em favor desta benemérita e centenária milícia, que é na realidade uma perfeita criação da utilidade pública.*

*Receba V. Exa., Exmo. Sr. Presidente da República, os agradecimentos da corporação que se considera recompensada dos mortificantes trabalhos que são o normal de cada dia, e vê na presença de V. Exa. um incentivo para maior devotamento aos deveres profissionais."*

O trecho principal da oração, que vale por um relato sucinto da administração — se bem que ainda curta, mas bastante produtiva — do cel. Ururahy de Magalhães, pelo destaque que merece, vai inserto noutro local dêste número.

#### *Programa festivo*

Numerosos foram os atos que assinalaram a passagem do aniversário do PM, os quais se estenderam de 10 a 13 de maio. Dêste último, data do aniversário, destacamos: solenidade de formatura em tôdas unidades, serviços e repartições; competição esportiva entre oficiais da Fôrça Pública de S. Paulo e da Polícia Militar, em disputa da taça "Cel. Ururahy de Magalhães"; compromisso dos novos alunos da EFO; demonstração de educação física, na ER; bailes comemorativos, nos 5.º e 6.º BI; baile de comemoração, no Automóvel Clube.

Ao comando, oficiais e praças da PMDF, "Militia" encaminha os seus mais efusivos cumprimentos, ao mesmo tempo que a ela augura um futuro brilhante, pleno de realizações em benefício da coletividade.

#### **DEGRADAÇÃO PÚBLICA DE ELE- MENTOS EXPULSOS DA PM**

A imprensa diária, falada e escrita, bem como jornais cinematográficos, já levaram, a todo o País, a notícia das contínuas expulsões de

maus elementos, das fileiras da Polícia Militar carioca. Por isso mesmo procuraremos resumir os fatos em apreço, para que êles se ajustem à natureza dêste periódico.

### Não transigir...

O ten. Jasson Marcondes, lendo o boletim do comando da PM, de maneira firme, assim se expressou: «Este Comando, no propósito inabalável de não transigir com a desonestidade, o suborno e a violência, se vê na dura, mas necessária contingência de renovar êste espetáculo de degradação pública, a que assiste convosco, de coração apertado e alma confrangida.»

.....

«Os que vestem o uniforme de policial assumem graves compromissos perante a lei e a sociedade. Honrá-los é dever elementar. Violá-los é indignidade imperdoável que incompatibiliza com a profissão.

Os que aí estão romperam o compromisso de bem servir. Não merecem a solidariedade dos camaradas porque delinqüiram, movidos por interesses degradantes.

.....

«Como integrantes do destacamento policial da Pavuna, valeram-se das prerrogativas de mantenedores da ordem para prática criminosa de atos reprováveis e revoltantes. Prevaricaram, extorquiram e espancaram. Atentaram contra os bons princípios. Transgrediram, conscientemente, os imperativos da honra policial-militar.

Em sindicância regular ficaram provadas as culpas de cada um.

O sargento comandante do posto e os seus auxiliares, condescendiam com a violação da lei, mediante remuneração. Permitiam o merecimento, dêle auferindo lucros. Ligavam-se a negociantes sem escrúpulos ou intimidados, dêles recebendo propinas. Revistavam os cidadãos e prendiam os encontrados sem identidade ou armados, para soltá-los sob pagamento. Detinham indivíduos, em trânsito pela sua jurisdição, para extorquir dinheiro. Infringiam, diariamente, a lei. Perderam a noção do decôro e se promiscuiram com mulheres da vida fácil, auferindo vantagens pecuniárias do seu comércio infame, com elas transitando, sem pêjo, pelas ruas e frequentando botequins e restaurantes. Transformaram o Posto Policial em palco de violência e atos arbitrários.

### Aviso aos que ainda não se revelaram

«Que êste ato sirva de exemplo a todos os desajustados que ainda não se revelaram. O comando não deseja repeti-lo. Mas ninguém tenha dúvida. Ele se reproduzirá tantas vêzes quantas forem necessárias, para que a Capital da República tenha ao seu serviço uma Corporação de homens honestos, que em qualquer circunstâncias sejam enérgicos, sem violências, delicados sem subserviência e prestativa sem suborno.

Receber dos Cofres Públicos dinheiro que representa o suor do sangue do povo e não cumprir o dever com a elevação e o despreendimento imposto pelo elementar sentimento da honra pessoal, é crime, é traição, é vergonha. Os que assim procedem se divorciam definitivamente do Serviço Público e se tornam

irreconciliáveis com a função policial. São eliminados dos seus quadros como medida indispensável de profilaxia moral.

### Os expulsos

Em consequência este Comando resolve expulsar das fileiras da Corporação, nos termos do artigo 21 do RD em vigor, quando tiver alta do Hospital da Corporação, onde se acha em tratamento, o 3.º sargento Hilton Gutemberg dos Reis, e nesta data, o cabo de esquadra Alcides da Silva Dias e soldados Waldir Petronilho de Jesus, David Batista Figueira e Edecir de Faria, todos do 7.º BI, que deverão ser apresentados sob escolta e sem vestígio algum da nobre farda desta Polícia Militar, ao Exmo. Sr. General Chefe de Polícia do Departamento Federal de Segurança Pública, por se terem tornado, à vista do que ficou apurado, indignos de pertencerem a esta secular Corporação, que pelo seu passado e relevantes serviços prestados à ordem e a segurança pública, só deve abrigar em suas fileiras homens de bem e cumpridores de seus deveres».

### III CONGRESSO PENITENCIÁRIO BRASILEIRO

O cel. João Ururahy de Magalhães, comandante da Polícia Militar, por ato de 3 deste mês, designou os caps. João Ferreira Neves e Sidney dos Santos Bourguignon, o 1.º ten. Manoel Apolinário Chaves e 2.º ten. Jasson Marcondes, para integrarem a comissão que representará a PM no III Congresso Penitenciário Brasileiro, a se reunir em Florianópolis, de 13 a 20 do corrente.

### EXAMES PSICOTÉCNICOS PARA NOVOS POLICIAIS

Em declarações à imprensa o professor Mira y Lopes, uma das mais acatadas personagens da psicanálise no mundo, disse achar ser o exame psicotécnico de vital importância para a admissão de novos policiais, pois só assim se poderá evitar o acesso de elementos psicologicamente inabilitados nos quadros da polícia.

Afirmou que por tal prova já vem passando todos os oficiais da Polícia Militar que são a êle submetidos, no ISOPE, o mesmo se dando com os elementos da Força Pública paulista.

Concluindo, referiu-se o autor de «Quatro gigantes da alma» à situação dos atuais servidores da polícia. Aconselha, o conhecido cientista, a constituição de uma comissão neutra com o fito de analisar as folhas de serviço dos funcionários. Aqueles que apresentassem na mesma violências e arbitrariedades deveriam ser imediatamente afastados. Os que apresentassem dúvidas sobre suas condutas deveriam também passar pelas provas de um exame psicotécnico. Só assim poderíamos livrar a polícia desta minoria, segundo acredita o prof. Lopes, que tanto macula o nome da corporação.

### POLICIAMENTO PARA O AEROPORTO E A CENTRAL DO BRASIL

Tanto no aeropôrto «Santos Dumont» como na estação «Pedro II», praticamente, era difícil conseguir-se um taxi para os viajantes que ali desembarcavam, a não ser por preços extorsivos. O ministro da Ae-

ronáutica, solicitando a cooperação da Polícia Militar, obteve desta a extinção de tão absurda exploração, através da ação repressiva dos seus policiais. E os profissionais do volante que teimam em extorquir têm recebido tratamento adequado.

Ante aqueles bons resultados, a direção da Central do Brasil também pediu providências ao cel. Uruahy de Magalhães, para que um policiamento idêntico seja estendido à estação «Pedro II».

Sabemos que o pedido do engenheiro Jair Rêgo de Oliveira será atendido. Apenas se aguarda que uma nova turma de soldados, especialmente treinados para isso, conclua o ciclo de instrução.

#### **Também a Leopoldina e a Rodoviária**

Sabe-se ainda que, atendida a Central do Brasil, a PM procurará estender o serviço de fiscalização de taxis às estações da Leopoldina e da Rodoviária.

### **DISTRITO FEDERAL**

#### **(CORPO DE BOMBEIROS)**

#### **AINDA A TRAGEDIA DE BRAÇO FORTE**

O sr. Tancredo Neves, ministro da Justiça, examinando o relatório sobre o desastre de Braço Forte, que lhe foi encaminhado pelo comando do Corpo de Bombeiros, exarou despacho indagando quais as medidas de natureza policial-militar, adotadas para a apuração da tragédia, bem como as providências tomadas para amparar as famílias dos oficiais e praças falecidos. Indaga, ainda se as perdas materiais sofridas pela corporação importam na queda do seu

nível técnico. Por último, depois de se referir à legislação relativa à proteção contra incêndio, consulta sobre se é necessária a adoção de medidas visando a obrigar os depositários de inflamáveis a comunicarem previamente a localização de seus stocks a fim de serem tomadas medidas preventivas.

Em informação ao ministro Tancredo Neves, o cel. Saddock de Sá informou, entre outras coisas, que se houver um novo incêndio das propriedades do da ilha de Braço Forte, não poderá ser enfrentado pela corporação, em vista das avarias na única lancha que se achava em condições de utilização. Solicita, em consequência, urgente abertura de crédito para recuperação das lanchas em inatividade e aquisição de material perdido no combate ao fogo.

Informou, ainda, que já foi iniciado o pagamento dos seguros, montepios e pensões especiais aos herdeiros dos oficiais e praças mortos em Braço Forte.

Quanto às medidas de prevenção contra incêndios em depósitos de combustíveis e explosivos, está sendo preparado um projeto de lei a respeito.

#### **REVERTERÃO AO SERVIÇO ATIVO**

O cap. Edmundo Maciel, o 1.º ten. José Valdemar Figliota e o asp. Olegário Pedro dos Santos, foram reformados de acôrdo com o art. 177, da Constituição de 1937. Não se conformando, requereram sua reversão ao serviço ativo da corporação. O sr. Tancredo Neves, ministro da Justiça, exarou no respectivo processo o seguinte despacho:

«Estou de acôrdo com o parecer do Conselho de Justificação. O atento exame do documentação que instrui estes processos não deixa dúvida quanto à inexistência de faltas capazes de aconselhar, por sua gravidade, o afastamento dos justificantes do serviço ativo. Com referência às transgressões disciplinaresapuradas deixo de proceder na forma do art. 14, parágrafo 1.º do Decreto-lei n.º 2.746, de 5 de novembro de 1941, por considerar que os faltosos já foram punidos em demasia. Providencie-se a publicação ex-vi do artigo 15 do citado diploma legal.

Ao Departamento da Administração para, juntamente com a feitura do expediente alusivo ao cumprimento da decisão judicial relativa ao ten. Antônio Fernandes Loureiro, juntar os projetos dos atos a serem submetidos à decisão do egregio Chefe do Governo, de conformidade com este meu despacho.»

## MINAS GERAIS

### REORGANIZADO O DI

O Departamento de Instrução da PM, organismo destinado à formação, aperfeiçoamento e especialização dos quadros, vem de ser reorganizado pela Lei n.º 1089, de 8 deste mês. Passou a ter a seguinte organização: 1 — Comando; 2 — Subcomando; 3 — Diretor Geral de Ensino; 4 — Fiscalização Administrativa.

O corpo docente do DI é constituído: a) — de professores civis, nomeados pelo governo do Estado, mediante concurso de títulos e provas, com vencimentos e vantagens do posto de capitão da ativa; b) — de oficiais de outras

corporações e outras unidades, por proposta do comandante da Escola e mediante designação do comandante geral; c) — de monitores, para os assuntos de ensino militar e policial e de educação física, designados pelo comandante da Escola.

O Poder Executivo ficou autorizado a baixar novo regulamento para o DI, e os atuais professores, com mais de dois anos de exercício, tiveram seus direitos ressalvados.

A nova situação do DI vem possibilitar-lhe o aparelhamento necessário para que a PM possa vir a ter pessoal mais treinado e instruído, visando a sua finalidade precípua, o que, por certo, redundará num melhor policiamento para o Estado.

### EXPULSOS POR CRIME INFAMANTE

Teve lugar, no dia 31 de maio último, na cidade de Divinópolis, circunscrição do 7.º BI, sediado em Bom Despacho, impressionante cerimônia de degradação militar dos soldados Eli José da Silva e Dercí Ferreira da Silva, ambos pertencentes àquele batalhão. Foram considerados culpados de atos criminosos infamantes.

#### O fato

No dia 11 de maio, as referidas praças, vencendo a débil vontade de duas menores, lograram conduzi-las até o adro da igreja do Rosário, situada em recanto ermo daquela cidade mineira. Depois de consecutivas propostas desvestidas de senso moral, em que foram repelidos, Eli e Dercí arrombaram uma das portas da igreja e, com o emprêgo de forças físicas superiores e ameaças, levaram as moças para o interior do templo, onde consumaram o

atentado, através da satisfação dos seus instintos bestiais. E ainda exigiram das suas vítimas que guardassem sigilo absoluto, sob novas ameaças de morte.

### Descobertos

A princípio, ninguém atinava com o motivo do arrombamento da porta da igreja.

No entanto, no dia 19, os dois soldados se desavieram e deixaram escapar, no calor da discussão, palavras comprometedoras, ouvidas pelo sargento Veloso que, imediatamente, narrou o que ouviu ao ten. Nelson Guimarães. Apurados os fatos, concluiu-se pela cupalidade das praças apontadas.

### Desagravada a PM com a degradação pública

Em cerimônia pública, frente à tropa formada, depois da leitura do boletim especial, teve lugar o ato de despojamento de insígnias e fardas dos dois militares que macularam a honra e a tradição da PM. Presentes, ali se achavam o comandante geral da corporação, cel. Egídio Benício de Abreu, e o comandante do 7.º BI, ten. cel. Laércio Horta, além de diversas autoridades civis. Finda a degradação, a banda do 7.º BI tocou uma marcha fúnebre, após o que os criminosos passaram à jurisdição das autoridades policiais civis, a fim de que sejam processados pelos delitos praticados.

*“Estes dois indivíduos cujas fisio-  
nomias canalhas, infelizmente, estamos a  
ver, erraram, e de uma forma extrema-  
mente vil. Mui cedo olvidaram êles o  
sagrado juramento que fizeram ante o  
Pavilhão Auri-Verde de nossa Pátria.  
Quem poderia supor, naquela cerimônia  
importante e bela que os que estávamos  
em Bom Despacho, presenciamos, no dia*

*21 de abril último, no quartel do nosso  
Batalhão, que, dentre aqueles novos  
companheiros que prestavam o compro-  
misso de honra, diante da Bandeira Na-  
cional, estivessem dois tarados que vi-  
riam muito em breve, apenas decorridos  
20 dias, a enxovalhar a gloriosa farda  
que vestimos? Ninguém! Mas, desgra-  
çadamente, sucedeu. Para saciarem os  
instintos de bestas, não se estacaram  
nem a frente de um santuário, que pro-  
fanaram. Os elementos dignos de nossa  
Corporação sofrem ao tomar conheci-  
mento de ocorrências desta natureza”.*

### Elogiável atitude

O ten. cel. Laércio Horta, coman-  
dante do 7.º BI, conduzindo-se nos a-  
contecimentos à altura das suas respon-  
sabilidades de comando, preparou os ele-  
mentos que deram margem à expulsão  
dos indignos policiais, pelo comando ge-  
ral da PM, na pessoa do cel. Egídio  
Benício de Abreu. Nessas condições,  
esses dois oficiais superiores possibili-  
taram à opinião pública mineira um jul-  
gamento de diretrizes que são indiscuti-  
velmente corretas, pôsto que severas.

## RIO GRANDE DO SUL

### CRIAÇÃO DO C.A.O.

Foi criado na BM, pelo decreto  
4963, de 17 de maio p. findo, o  
Curso de Aperfeiçoamento de oficiais  
da milícia gaúcha, com a finalidade  
de «aprimorar e ampliar os conheci-  
mentos técnico-profissionais dos ca-  
pitães e oficiais subalternos, tornan-  
do-os aptos ao exercício das funções  
de comando nos postos superiores e  
capacitando-os ao desempenho efi-  
ciente das atribuições policiais.»

## Inaugurado, na mesma data

Com a presença do gen. Ernesto Dorneles, governador do Estado, brigadeiro Alair Roszanyi, cmt. da 5.ª Zona Aérea, gen. de Divisão Manoel de Azambuja Brilhante, cmt. da 3.ª Região Militar, gen. Rafael Danton Garrastazú Teixeira, cmt. da 6.ª D. I., gen. Mario Perdigão, cmt. da LD-3, representantes do cmt. da Zona Militar do Sul, deputado federal José Diogo Brochado da Rocha, sr. José Mariano de Freitas Beck, secretário da Educação e Cultura, sr. Pery Pinto Diniz, vice-reitor da Universidade do Rio Grande do Sul, cel. Venâncio Batista, cmt. geral da Milícia Estadual, representantes do presidente da Assembléia Legislativa e do prefeito municipal de Porto Alegre, diversas autoridades civis e militares, inaugurou-se, no mesmo dia 17, o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Brigada Militar, que foi criado por decreto do Executivo Estadual. Usando da palavra, deu início à solenidade o ten. cel. dr. Olavo Castagna, cmt. do Centro de Instrução Militar, que convidou o gen. Dorneles para a presidência de honra da cerimônia, passando, depois, a se referir ao ato da criação do Curso, discorrendo sobre as vantagens do mesmo. A seguir, foram apresentados pelo cmt. geral, ao governador do Estado os professores, instrutores e alunos do novel Curso, nos quais s. excia. saudou pessoalmente. Após, fêz uso da palavra, para proferir a aula inaugural, o major Manoel Monteiro de Oliveira, diretor de ensino, que num longo trabalho disse da satisfação com que via inaugurado o C.A.O., velha e legítima apuração dos oficiais da Fôrça, sempre ciosos das

suas tradições de eficiência e valor, tantas vezes confirmados em sua secular existência. Depois de analisar a situação do ensino e de argumentar sobre a necessidade inadiável da atualização de conhecimentos por parte dos velhos oficiais e da sua significação para o cumprimento da missão atribuída à Brigada Militar, teceu comentários sobre o comodismo e derrotismo e a ociosidade que costumam dominar as coletividades que se atrasam na marcha do progresso e não se identificam com a época em que vivem. Encerrando sua oração teve palavras de gratidão ao sr. governador Dorneles e ao cel. Venâncio Batista, cmt. geral, por terem possibilitado o evento, que abre caminho para novas conquistas à imortal Brigada Militar. Sua oração foi bastante aplaudida pela grande assistência que reuniu, além das altas autoridades já enumeradas, a totalidade dos tenentes coronéis, maiores e capitães em serviço na guarnição da Capital.

A seguir, pronunciou um improvviso o gen. Ernesto Dorneles que, ao se congratular com o acontecimento, abordou vários problemas de ordem social, que angustiam a humanidade, referindo-se ao mesmo tempo ao papel que são chamadas a desempenhar no jôgo dos interesses coletivos, as fôrças armadas da nação, particularizando, com especialidade a missão que cabe à Brigada Militar.

Servido o champagne, ao finalizar, o gen. Venâncio Batista, disse de sua satisfação como comandante geral em poder assinalar a criação do C.A.O., como uma das grandes realizações de seu comando e o quanto êste acontecimento lhe era caro. Suas palavras finais fo-

ram de profunda gratidão ao governador Ernesto Dorneles, em cujo governo a Brigada Militar tem visto satisfeitas muitas de suas grandes aspirações. Concluiu levantando um brinde ao governador do Estado e às Fôrças Armadas e agradecendo a presença das autoridades naquela solenidade.

## SANTA CATARINA

### FEZ ANOS A P.M.

Transcorreu, no dia 5 de maio p. findo, mais uma efeméride barrega-verde: a da criação da sua querida quão gloriosa Polícia Militar.

Criada naquele dia, no recuado ano de 1835, no governo do comendador Feliciano Nunes Pires, na então Província de Santa Catarina, tem ela prestado enormes serviços à causa pública do Estado e da Nação. Na sua dupla finalidade policial-militar, tem correspondido plenamente à confiança dos governos, principalmente no estadual, onde maior é o seu campo de ação.

Tomando parte ativa em quase tôdas as campanhas e guerras externas ao lados das Fôrças Armadas, desde a sua criação, tem merecido fartos e sinceros elogios de destacados e ilustres chefes militares de nossa Pátria, o que atesta o acervo de tradições históricas que possui em mais de cem anos de existência.

Com aquela dupla função policial e militar que a Lei lhe atribui, pode-se afirmar que como tôdas as PP.MM., dos pequenos Estados e daqueles de mais amplos recursos, trabalham vinte e quatro horas por dia e são elas, por isso mesmo, con-

sideradas verdadeiras escolas de sacrifício e desprendimento.

Na expectativa de melhoria prometida, que certamente não faltará, (de que não temos a menor sombra de dúvida), estão os componentes da P.M. ansiosos por ver concretizada sua aspiração do momento, qual seja a elevação do nível de vida, condigna, ao mantenedor da ordem pública.

Assinalando a festiva comemoração dos seus 119 anos de vida útil, de serviços à coletividade catarinense, «Militia» consigna à Polícia Militar do Estado, na pessoa de seu comandante, cel. Duarte Pedra Pires, e aos seus disciplinados comandados, as suas mais efusivas e sinceras congratulações.

Do programa de comemorações extraímos o seguinte: Hasteamento da Bandeira e leitura do boletim especial — Missa Campal por intenção da alma dos oficiais, sargentos e praças, falecidos — Recepção às autoridades e convidados — Inauguração da sala de recreação «Ten-Pompeu» — Inauguração dos melhoramentos do rancho.

## SERGIPE

### ANIVERSÁRIO DA CIA. DE BOMBEIROS

Com grandes festas, a Cia. de Bombeiros comemorou, no dia 6 deste mês, mais um aniversário.

As solenidades revestiram-se do maior brilhantismo, comparecendo, além do prefeito de Aracaju, autoridades civis, militares e eclesiásticas e grande número de convidados. Na ocasião foram inaugurados diversos melhoramentos introduzidos na sede da corporação.



*Direção do cap. Francisco A. Bianco Jr.*

## CAMPEONATO INTERNO DE PEDESTRIANISMO

# PROVA "CABO JOAQUIM GONÇALVES"

Atendendo ao Calendário Esportivo do corrente ano, deu a Escola de Educação Física, no dia 20 de maio último, início ao IV Campeonato de Pedestrianismo da Corporação, fazendo realizar no Estádio «Cruzeiro do Sul» a prova «Cabo JOAQUIM GONÇALVES» prestando com a mesma significativa homenagem ao seu «velho» mas vigoroso e sempre invejado atleta. O homenageado dispensa comentários pois é sobejamente conhecido no mundo dos desportos nacionais e mesmo sul-americanos, tendo no último Campeonato Continental, realizado nesta Capital, obtido o honroso 2.º posto, frente aos mais categorizados maratonistas, na prova dos 21 kms.

Compareceram a essa prova-homenagem, além do coronel João de Oliveira Melo, Diretor Geral de Instrução, comandantes de Corpo e chefes de Serviço, numerosos oficiais, sargentos, cabos e soldados, todos simpatizantes do notável e invulgar pedestrianista.

As 9,00 horas, depois de rápido desfile, alinharam-se no local de par-

tida 48 corredores, representantes de 11 Unidades participantes, tendo o instrutor de corrida da E.E.F., ten. Thiele, apresentado os concorrentes à autoridade máxima presente. Feita a apresentação, o chefe do Departamento Técnico da Escola, cap. Bianco, saudou o cabo Joaquim Gonçalves, concitando os demais atletas a imitarem-no com dedicação sempre crescente, no desporto que tem

O cel. João de Oliveira Melo ao saudar o cabo Joaquim Gonçalves





No alto, aspecto da largada da prova, vendo-se ao lado o cabo Joaquim Gonçalves, autor do tiro da partida. Em baixo, os cinco classificados, ladeados pelos cap. Bianco, chefe do Dep. Técnico da E.E.F., e ten. Thiele, instrutor de pedestrianismo.

dado à Força Pública tantas e tão significativas vitórias. Nessa ocasião foi ofertado ao cabo Gonçalves um artístico medalhão, como prêmio aos seus esforços.

Com o tiro de partida dado pelo homenageado, depois de movimentada disputa num percurso de 3.000 metros, chegaram individualmente na seguinte ordem:

#### CLASSE «A»

- 1.º — José Vitoriano — 10 m, 16s,00
- 2.º — Floriano Cordeiro — 10 m, 25s

- 3.º — Sotero de Araujo — 10 m, 28s
- 4.º — Sgt. Antônio José Alves — 10m, 29 s
- 5.º — João da Silva — 10 m, 40s
- 6.º — Sgt. Osvaldo G. Mendes — 10 m, 43s

#### CLASSE «B»

- 1.º — Sd. tit. prec. Gregório Silva — 10 m, 44s
- 2.º — Fortunato G. Mendes — 10 m, 48 s
- 3.º — Alvaro M. Costa — 10 m, 55s
- 4.º — Fortunato M. Oliveira — 11 m, 02s
- 5.º — Waldemar Elói Pereira — 11 m, 03s
- 6.º — Antônio Florêncio Silva — 11 m, 05s
- 7.º — Manoel M. Filho — 11 m, 09s
- 8.º — Sgt. Benedito Máximo — 11 m, 10s
- 9.º — Roberval de Souza
- 10.º — José B. de Paula

#### CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPES

- 1.º) Batalhão «Tobias de Aguiar» — com 16 pontos perdidos
- 2.º) 5.º Batalhão de Caçadores — com 22 pontos perdidos
- 3.º) Batalhão Policial — com 46 pontos perdidos
- 4.º) 7.º Batalhão de Caçadores — com 50 pontos perdidos
- 5.º) 3.º Batalhão de Caçadores — com 58 pontos perdidos
- 6.º) Corpo de Bombeiros — com 68 pontos perdidos
- 7.º) Batalhão de Guardas — com 78 pontos perdidos
- 8.º) 2.º Batalhão de Caçadores — com 78 pontos perdidos
- 9.º) Batalhão «Tobias de Aguiar» — com 89 pontos perdidos
- 10.º) Corpo de Bombeiros — com 93 pontos perdidos

A organização da prova teve um desenrolar bastante regular, graças ao trabalho sempre eficiente do ten. Thiele, instrutor da especialidade, e seus esforçados auxiliares.

Encerrando a solenidade, o Comandante Interino da E.E.F., Major José João Batal, presidiu à en-

trega dos prêmios aos vencedores, tendo o cabo Joaquim Gonçalves, num gesto fidalgo, oferecido e entregue ao «lanterninha», como estímulo, uma de suas medalhas.

Honra ao mérito, cabo Joaquim Gonçalves da Silva!

O presente está chelo do passado e cheíssimo do futuro.

LEIBNITZ

Não esqueçais os benefícios recebidos e não vos recordeis dos que já fizestes.

PUBLIUS

# 145.º Aniversário da Polícia Militar do Distrito Federal

Em comemoração ao dia 13 de maio último, 145.º aniversário da nossa co-irmã da Capital Federal, solenidades militares, sociais e desportivas, foram programadas. Entre estas últimas a disputa do troféu «Cel. Ururahy de Magalhães» nas modalidades de bola-ao-cesto e voleibol, entre oficiais daquela e os da nossa Corporação.

Duas equipes de oficiais, representativas da nossa Força Pública, estiveram presentes àquelas festividades.

## REALIZAÇÃO DOS JOGOS

O jogo de voleibol se desenrolou no estádio do América F.C., assinalando um resultado final favorável aos nossos rapazes, depois de melhor de três: 10 x 15, 15 x 11, 15 x 4.

O «match» de bola-ao-cesto foi realizado no quartel da Escola de Recrutados e teve um decorrer bastante movimentado, apresentando ambas as equipes um ótimo preparo técnico. O marcador assinalou um resultado final ainda favorável à turma paulista, pela contagem 31 x 29, o que demonstra a renhida e equilibrada disputa hâvida em busca da vitória. Se houve, porém, equilíbrio, ardor e luta no torneio, houve também, no

seu transcorrer, um alto cavalheirismo entre os contendores e um absoluto respeito a todas as normas técnicas.

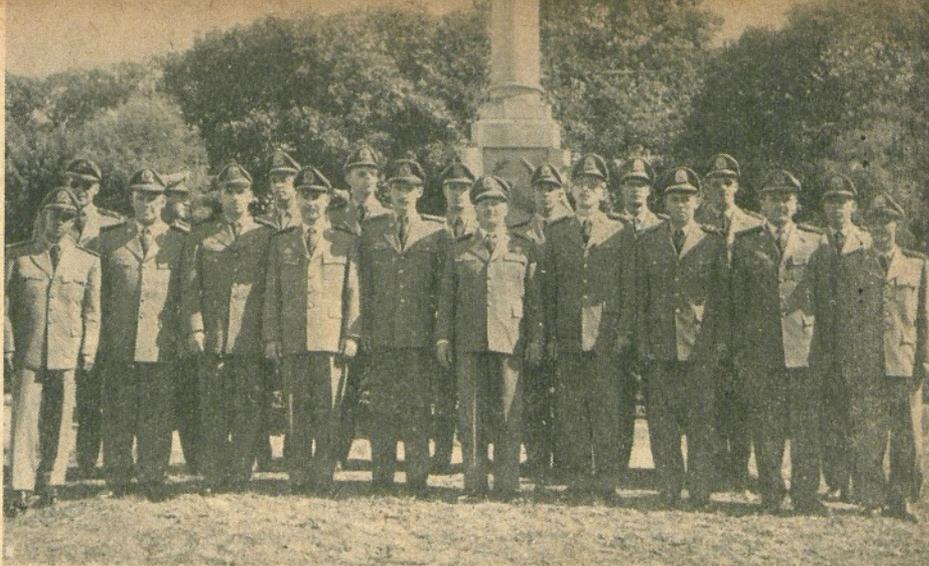
## COMPONENTES DA DELAGAÇÃO

Foi chefe da delegação o major José João Batal, cmt. interino da EEF, tendo como seus auxiliares técnicos os seguintes oficiais:

Voleibol — Cap. Lourenço R. Valentim de Nucci; bola-ao-cesto — 1.º ten. José Furtado Pisani; médico — 1.º ten. méd. dr. Halem Chati.

Integraram as equipes os seguintes oficiais:

1.º ten. Roberto da Silva Carvalho, do 6.º BC; 1.º ten. Adhemar Ferreira, EEF; 1.º ten. Osmar Antônio Vilela Santos, do QG; 1.º ten. Alvaro Parreiras, do 7.º BC; 1.º ten. Aldo Campanhã, do CFA; 1.º ten. Jorge Pais Leme, do 7.º BC; 1.º ten. Waldemar Nogueira, do CFA; 2.º ten. Milton de Almeida Pupo, do CFA; 2.º ten. Rubens Ortega, do CFA; asp. of. Sílvio Emílio de Oliveira; do BG; asp. of. Clodomiro José Paschoal, do 7.º BC; asp. of. José Darci Cerciari, do RC; asp. of. João Batista de Campos Lima, do RC; asp. of. Renato Nogueira Magalhães, do RC; asp. of. Dorival Rossi, do BG.



A nossa delegação de oficiais presente às solenidades comemorativas.

#### ATIVIDADES SOCIAIS DA DELEGAÇÃO

Além das atividades de caráter oficial, a que compareceu, teve a nossa delegação a oportunidade de tomar parte em diversas solenidades sociais, oferecidas aos nossos representantes: recepção à delegação pela diretoria e associados do Centro Paulista; um jantar oferecido pelo Clube da PMDF, nos suntuosos salões do Hotel Gloria; baile de gala nos salões do Automóvel Clube local.

Saudaram a nossa Fôrça Pública nessas solenidades, os senhores: dr. Ortiz Monteiro, presidente do Centro Paulista; ten. cel. Silvestre Travassos Soares, presidente do Clube Policial, e o cel. João Ururahy de Magalhães, comandante geral. Respondeu às diversas saudações dirigidas à nossa Fôrça, o major José João Batal, chefe da delegação. Hou-

ve ainda entrega de flâmulas e oferta de uma lembrança ao 6.º BI, em retribuição e agradecimento pelo tratamento cavalheiresco que dispensaram, comando e oficiais, aos nossos camaradas.

Dessa forma, a nossa Fôrça Pública representou-se na passagem de mais um aniversário da simpática Polícia Militar do Distrito Federal, que tão notáveis serviços tem prestado, não só à Capital Federal, mas ao Brasil.

O tratamento dispensado à nossa delegação, as atenções e sutilezas, tudo isto é comum nos comandos e oficiais da nossa co-irmã, testemunhas que somos, pelos contatos permanentes que já vimos mantendo já há muitos anos.

Nas disputas havidas elevou-se mais alto o sadio espírito desportivo, e a camaradagem alicerçou ainda mais os profundos laços de amizade que nos unem e que devem unir as PP-MM do país.

# NOSSOS REPRESENTANTES

## Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

### BOLIVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

### CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaíso) — capitán Franklin Troncoso Bacler.  
— IV Zona de Carabineros (Concepción) — capitán Moisés Suty Castro  
— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — cap. Efraín de la Fuente Gonzalez.

### ACRÈ (Guarda Terretorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

### ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

### AMAPA (Divisão de Segurança e Guarda)

— Sêde (Macapá) — Raimundo Walter Luz.

### AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— cap. José Silva

### BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — cap. Edson Franklin de Queiroz  
— 3.º B.C. (Juazeiro) — 1.º ten. Salatiel Pereira de Queiroz.

### CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

### DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Jason Marcondes.  
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Herani Alves de Brito Melo.  
— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — 1.º ten. Fernando Carlos Machado.

### ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

### GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — 1.º ten. Antônio Bonfim dos Santos  
— Agência Distribuidora de Jornais e Revistas— R. Nilo Pecanha, 1 — Rio Verde.

### MARANHAO (Força Policial)

— Q.G. (São Luis) — 1.º ten. Eurípedes Bernardino Bezerra

### MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.  
— 2.º B.C. (Campo Grande) — 2.º ten. cont. André Bastos Jorge.  
— 2.ª Cia. do 2.º B.C. (Ponta Porã) — cap. Luiz Zaramela.

### MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) — 2.º ten. Carlos Augusto da Costa  
— 3.º B.I. (Diamantina) — 1.º ten. Geraldo Francisco Marques  
— 7.º B.I. (Bom Despacho) — cap. José Guilherme Ferreira  
— 8.º B.I. (Lavras) — 1.º ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro  
— 9.º B.I. (Barbacena) — 2.º ten. Manoel Tavares Corrêa.

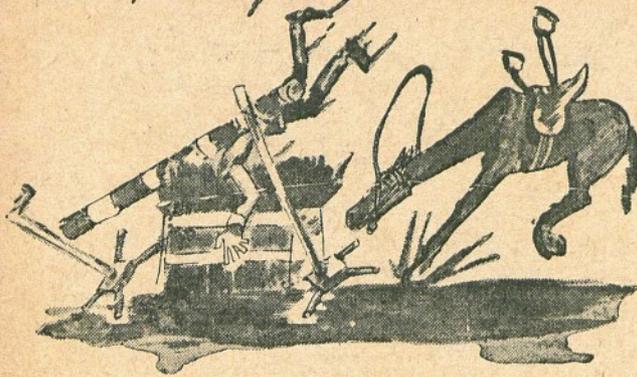
### PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. José Barbosa de Vasconcelos.

- PARAÍBA (Polícia Militar)  
 — Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. José Belarmino Feitosa Filho.
- PARANÁ (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Curitiba) — major Washington Moura Brasil.
- PIAUI (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Teresina) — ten. Oswaldo Duarte Carvalho.
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)  
 — Q.G. — major Walter Zulmiro Pereira de Castro.
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Natal) — cap. Antônio Moraes Neto.
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)  
 — Q.G. (Pôrto Alegre) — 2.º ten. Ernani Perstra de Aquino.  
 — 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos.  
 — 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Florianópolis) — 2.º ten. Manoel Gomes.
- SAO PAULO (Força Pública)  
 — Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.  
 — C.F.A. (Capital) — cap. Ari José Mercadante.  
 — B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima  
 — Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — asp. Eugênio Augusto Sarmento.  
 — R.C. (Capital) — 2.º ten. Gumercindo Guimarães.  
 — C.B. (Capital) — cap. Samuel Rubens Armond.  
 — B.P. (Capital) — 2.º ten. Hélio Guaicuru de Carvalho.  
 — 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.  
 — 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.  
 — 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Alaôr de Souza Campos.  
 — 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. Mário Ferreira.  
 — 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Luís Nobrega e Silva.  
 — 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras.  
 — 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Oswaldo Teixeira Pinto.  
 — S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.  
 — S.E. (Capital) — José de Campos Montes.  
 — S.I. (Capital) — 1.º ten. José Picelli.  
 — S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva.  
 — S. Trns. (Capital) — cap. Joaquim Gouvêa Franco Junior.  
 — S. Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.  
 — E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.  
 — S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.  
 — S.S. - H.M. (Capital) — cap. Irani Paraná do Brasil.  
 — 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — 1.º ten. Manoel Molica.  
 — 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. José Ribeiro de Godoi.  
 — 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.  
 — 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — 1.º ten. Diomar de Melo Torquato.  
 — 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.  
 — Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.  
 — Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Jalmar C. Costa.  
 — Polícia Florestal (Capital) — cap. Alfredo Costa Junior.
- SERGIPE (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

# HIPISMO



Capitão

Plínio

Desbrousses

Monteiro.

Temporada Oficial da

## Federação Paulista de Hipismo

Em continuação à temporada hípica oficial, realizaram-se as seguintes competições patrocinadas pela Federação Paulista de Hipismo.

### «Prova Srta. Ivone Flaquer»

Dia 30 de maio último, na Sociedade Hípica Paulista, disputou-se a «Prova Srta. Ivone Flaquer», de classe «A», tendo o Regimento de Cavalaria conquistado a 4.ª colocação, por intermédio do concorrente cap. Felix de Barros Morgado, que fez o percurso com zero falta, conduzindo com perfeita técnica o cavalo Dourado.

### «Prova D. Margarida Fernandes»

No picadeiro coberto do Clube Hípico de Santo Amaro, entrou em disputa, no dia 6 de junho, a prova de classe «B», denominada «D. Margarida Fernandes», cabendo os 3.º e 4.º lugares respectivamente aos gi-

netes Marambaia e Kid. Para tanto foram conduzidos pelo cap. Felix de Barros Morgado, do R.C., que com ambos fez bom percurso, com zero pontos perdidos por falta.

### «Prova D. Helga Hocheimer»

Na mesma tarde, coube uma 4.ª colocação (após transpor 1,60m) ao ten. Roldão Nogueira de Lima, condutor firme de Galã, na Prova Energia, tipo puro - sangue, «D. Helga Hocheimer». Caracterizaram esta difícil prova três obstáculos (sebe e vara, muro e vara, e tríplice) inicialmente, a 1,30 — 1,40 e 1,40, com aumentos de 0,10 em 0,10 ms.

### Em Curitiba

Do dia 2 a 9 de maio, nossa apresentação hípica de saltos de obstáculos, composta dos cap. Felix de Barros Morgado e tens. Roldão Nogueira de Lima, Amadeu José Faus-

tino e Raul Humaitá Vila Nova, compareceu à temporada interestadual levada a efeito na capital paranaense.

Contou nossa equipe com a tradicional cortesia dos oficiais da Polícia Militar do Paraná, que tudo fizeram para proporcionar tôdas as facilidades à equipe da Fôrça Pública de São Paulo, entre êles se salientando, como verdadeiros animadores, o cel. Dagoberto e o major Virgílio de Melo, aliás velhos amigos dos oficiais de nosso Regimento de Cavalaria, pois, por várias vèzes aqui estiveram defendendo as côres hípicas da Terra dos Pinheirais.

As provas contaram com a presença de 51 concorrentes contando com cêrca de 100 cavalos (número excepcionalmente grande) das seguintes entidades: — Departamento de Desportos do Exército, Brigada Militar do Rio Grande do Sul, Polícia do Estado do Paraná, Sociedade Hípica Brasileira, Sociedade Hípica Paranaense, Sociedade Hípica Paulista, Sociedade Hípica de Campinas e Fôrça Pública de São Paulo. Como podemos deduzir pelas equipes acima, foi uma competição das mais árduas (numa das provas chegou-se a desempate com obstáculos a 1,90m), visto que congregou os cavaleiros e cavalos mais categorizados do Brasil. Entre êsses ases do esporte equestre, poder-se-ia salientar os cel. Franco Pontes, ten. cel. Elói de Menezes, cap. Morrot e ten. Luís Felipe Dick, todos do EB, e o ten. cel. Gerson Borges, da Brigada Gaúcha, que fizeram parte da seleção brasileira às Olimpíadas de Hensinki; os cavaleiros da Brigada Militar do R.G. do Sul, todos com o Curso de Equi-

tação; o sr. Nelson Pessoa, da SHB, que representou o Brasil no último Campeonato Sul-Americano, em Buenos Aires; a equipe do Paraná, composta unicamente de instrutores e alunos do Curso de Equitação, e outros ardorosos concorrentes, com grande prática em disputas dessa natureza, e que seria ocioso enumerar.

Houve duas provas diárias, na sede da S.H. Paranaense, nos dias 2, 4, 6 e 9 de maio, sendo uma à tarde e outra à noite; esta última terminando, algumas vèzes, às primeiras horas da madrugada.

As condições gerais das provas realizadas podem ser resumidas da seguinte forma: condições atmosféricas — péssimas; iluminação — deficiente; traçado das pistas — muito bom; obstáculos — muito bons; organização geral — excelente; resultados técnicos — bons; ocorrências — não houve.

O resultado final coletivo foi:

1.º lugar: equipe do Exército (chefiada pelo cel. Franco Pontes);  
2.º lugar: equipe da S.H. Brasileira (chefiada pelo sr. Hermes de Vasconcelos);  
3.º lugar: equipe da S.H. Paranaense (sob a chefia do sr. Leônidas Mousselin);  
4.º lugar: equipe da Fôrça Pública de S. Paulo (sob a chefia do cap. Felix de Barros Morgado).

Como classificações individuais, obteve o RC, da Fôrça Pública, um 1.º pôsto e um 3.º, respectivamente conquistados pelo cap. Felix de Barros Morgado e ten. Raul Humaitá Vila Nova.

Esta reunião de cavaleiros de quatro Estados do Brasil, que, além do sentido de confraternização, al-

ARMAS, MUNIÇÕES E CUTE LARIA —  
ARTIGOS PARA CAÇA E PESCA

CONSERTOS, NIQUELAÇÃO E  
OXIDAÇÃO — FERRAGENS



CASA ROCHINHA

JOSÉ ALVES DA ROCHA

SÃO PAULO

M A T R I Z

RUA LIBERO BADARÓ, 651

2.º - Salas 18 e 20 - FONE 36-4237

C I D A D E

F I L I A L

RUA LOPES DE OLIVEIRA, 448

B A R R A F U N D A

cançou elevado teor esportivo, técnico e social, compreendeu visitas às coudelarias da região, e um jantar, gentilmente oferecido pelo exmo. sr. governador do Paraná aos chefes das equipes.

Extra programa, em cordialíssimo ágape, reuniram-se os oficiais do R.G. do Sul, Paraná e São Paulo, sendo nesta ocasião a Força Públi-

ca de São Paulo homenageada pelos chefes de representação das co-irmãs ali presentes, com a significativa oferta de suas respectivas flâmulas, em magnífico gesto de sã camaradagem e da sincera amizade existente entre os elementos dessas Polícias Militares.

Ainda uma vez o esporte serviu de forte elo de fraternidade.



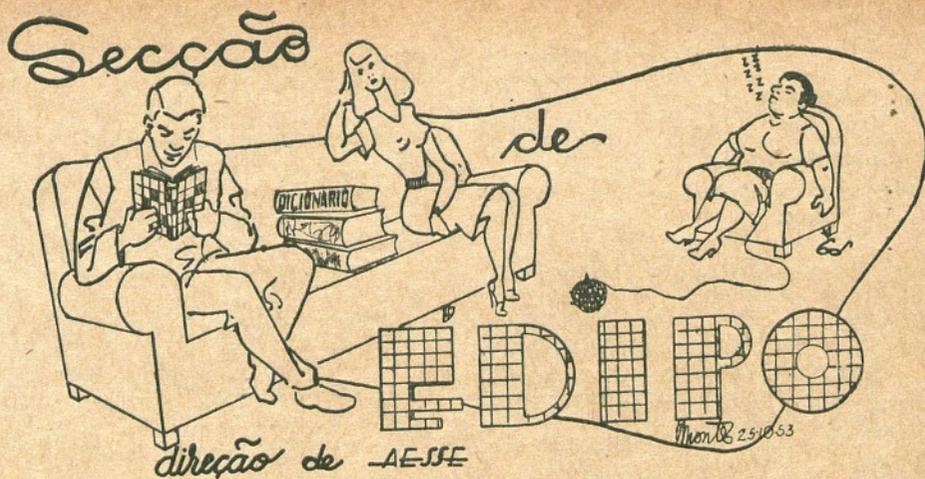
PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYE A

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E  
**MAIS BARATO!**



### REGULAMENTO

Nossos torneios compreenderão os trabalhos publicados em três números de "MILITIA".

Cada trabalho decifrado valerá um ponto.

São aceitas charadas antigas, novíssimas, casais, auxiliares e sincopadas.

São também aceitos problemas de palavras cruzadas, logogrifos em prosa e verso e enigmas charadísticos, figurados e pitorescos.

Os trabalhos enviados deverão ser organizados pelos "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, Jaime de Seguíer e monossilábico, de Japiassú.

Em cada torneio serão conferidos os seguintes prêmios: ao 1.º classificado, um dicionário; aos que decifrarem mais de 50% dos problemas, uma obra literária, mediante sorteio.

O prazo para a remessa das soluções será de 60 dias, contados do último dia do mês seguinte ao que se refere a revista.

Toda colaboração referente a esta seção deverá ser dirigida à redação de "MILITIA" e endereçada a "Aesse".

### 3.º TORNEIO DE 1954

JUNHO — JULHO — AGOSTO

#### CHARADAS AUXILIARES

31 — + pitão = Antigo comandante de milícias locais.

+ vir = Prestar serviços militares.

+ gã = Revólver de cavalaria, grande e de cano comprido.

Conceito = Quartel.

Silvosky

32 — + mofrez = Sòvela de sapateiro.

+ lícia = Descanso.

+ li = Feitiço, mau olhado.

+ zarena = Espora grande.

Conceito = Jogo antigo, espécie de cabra-cega.

Lino

#### CHARADAS NOVISSIMAS

33 — No terreno húmido adjacente às montanhas e por onde corre a água que delas deriva, a "mulher" mandou construir sua cabana 2-2.

Paulista Velho

34 — Que cansaço! Não faço mais um gesto! Não adianta proclamar. 2-1.

Cel. S. O. Silva

35 — Apenas se entra na cadeia, apanha-se impigem rebelde. 1-2.

Com Y Tra

36 — No pescoço estava a dificuldade do membro da colônia. 2-1.

Plínio D. Monteiro

37 — Aquilo que torna atonito o povo é a compaixão pelo homem estirado na calçada. 4-1.

Z. Barbosa

CHARADAS CASAIS

38 — Tudo quanto se abandona fica ao desamparo. 4.

Pompeu Júnior

39 — Hoje, é raro amuleto, um grão de café. 2.

Com Y Tra

40 — A prova tipográfica de uma folha que já se corrigiu, está certa ao passo que a primeira tinha muito senões. 3.

Z. Barbosa

41 — Pessoa maldizente não é objeto de grande estima. 3.

Paulista Velho

CHARADAS SINCPADAS

42 — Velhaco é o que não ajusta suas contas. 3-2.

Sérgio Patricio - T.I.

43 — E' pequeno o roedor da familia dos cavídeos, semelhante a cobaia. 3-2.

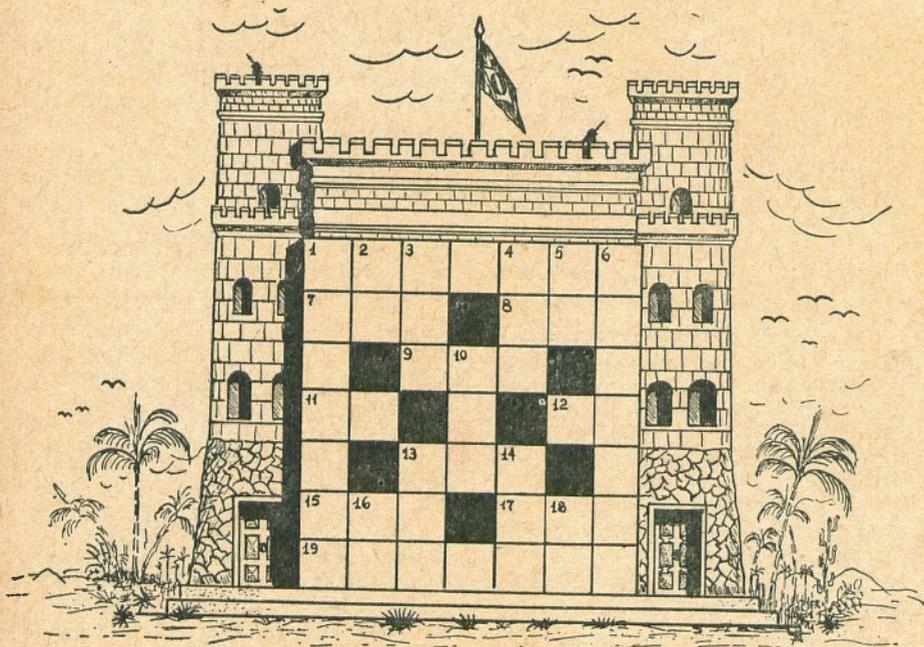
Josi

44 — Leito pequeno e pobre é pouco agradável. 3-2.

Lino

45 — Puxar o calibre causa endurecimento da pele. 3-2.

Plínio D. Monteiro



PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: — 1 — Edifício em que se alojam tropas. 7 — Guri. 8 — Flexão feminina de um. 9 — Altar dos sacrificios. 11 — Pedra de afiar instrumentos cortantes. 12 — Graceja. 13 — Soar. 15 — Estalagem na Pérsia e na Palestina. 17 — Interjeição que serve para chamar, saudar e também indicar espanto. 19 — Inventariar.

Verticais: — 1 — Ciência que estuda as propriedades das substâncias. 2 — Cidade da Caldea. 3 — Camareira. 4 — Adjetivo possessivo. 5 — Preposição. 6 — Falar, escrever ou traduzir latim. 10 — A plebe. 13 Remorso. 14 — Lista. 16 — Semelhança. 18 — Naquele lugar.

# Charadista!

# Cruzadista!

*Está no prelo o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. — Manoel Hildegardo Pereira Franco.*

*Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sôbre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.*

*O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos têrmos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmás Desenhados e Palavras Cruzadas.*



*Adquira o seu exemplar, já à venda na segunda quinzena de Junho em tôdas as Livrarias ou pedindo pelo reembolso a Manuel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 aptº. 16 — 3.º and. SÃO PAULO — BRASIL.*

# Consumir Produtos Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo.
- ★ E' ajudar a libertação econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o desenvolvimento da nossa produção.



## NOSSA CAPA

Os alunos-oficiais da Força Pública veem emprestando expressiva colaboração às grandiosas festividades com que São Paulo comemora o seu IV Centenário de Fundação.

